



Instituto Politécnico  
de Castelo Branco  
Escola Superior  
de Artes Aplicadas

# A Aprendizagem Musical no Desenvolvimento Pessoal e Social de uma Jovem com Síndrome de Down

Maria Marta Pereira Dias Vasques Cepêda

## **Orientadores**

Prof. Doutor José Filomeno Martins Raimundo

Prof. Doutor José Carlos Godinho

Trabalho de Projeto apresentado à Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Música, Variante de Formação Musical e Música de Conjunto, realizada sob a orientação científica do professor Doutor José Filomeno Martins Raimundo e do professor Doutor José Carlos Godinho, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Junho de 2015



## Composição do Júri

### Presidente do júri

Professor Doutor Miguel Nuno Marques Carvalhinho

Professor Adjunto da Escola Superior de Artes Aplicadas - IPCB

### Vogais

Professor Doutor António Ângelo Vasconcelos - Arguente

Professor Convidado da ESE de Setúbal

Professor Doutor José Carlos David Nunes Godinho

Professor Coordenador Convidado da Escola Superior de Artes Aplicadas - IPCB



À minha querida Maria Alba



## Agradecimentos

Ao meu orientador, Professor Doutor José Carlos Godinho, pela paciência, compreensão, apoio, encorajamento e disponibilidade que revelou ao longo destes meses.

Ao meu coorientador, Professor Doutor José Raimundo, pela disponibilidade e encorajamento nesta estapa.

Aos pais da Maria, pela receptividade e ajuda imediata.

À professora da Maria, pela disponibilidade na entrevista.

Aos meus pais e irmãos por todo o apoio e carinho que me têm dado ao longo da vida, sem exceção neste momento em que tanto precisei. Sem eles tornar-se-ia impossível.

À minha querida prima Joana, pela ajuda disponibilizada e pelo constante apoio e carinho nestes vinte e quatro anos.

Ao Vasco, pelo incessante apoio, alento, compreensão e pela infindável ajuda ao longo destes meses.



## Resumo

O presente relatório foi elaborado como parte integrante da Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada em Ensino da Música - Formação Musical e Música de Conjunto. A primeira parte descreve o trabalho desenvolvido nas aulas de Formação Musical e Classe de Conjunto no Conservatório Regional de Setúbal durante o ano letivo de 2013/2014. A segunda parte reporta-se a um projeto de investigação que estudou a relação com a música de uma jovem com Síndrome de Down.

O fator determinante que me induziu curiosidade e interesse na investigação deste tema foi a experiência pessoal que partilhei com uma jovem portadora de Síndrome de Down, enquanto sua professora de música/violino. Assim sendo, a questão de investigação incide sobre a importância que a aprendizagem musical teve na vida da Maria; sobre a motivação inicialmente demonstrada e após o término desta experiência: sobre os benefícios desta prática no desenvolvimento desta jovem.

O objetivo central da pesquisa foi analisar os **percursos na música de uma jovem com síndrome de Down**. Como objetivos específicos colocou-se: Caracterizar globalmente a jovem com síndrome de Down; Caracterizar a importância da música na vida da jovem com esta síndrome; Caracterizar a relação da jovem com a aprendizagem do violino; Caracterizar o papel desempenhado pela escola e pelos professores na relação com a música da jovem; Caracterizar o papel desempenhado pela família na relação com a música da jovem com síndrome de Down.

Para tal, utilizou-se uma metodologia qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, que conta com um relato próprio e com a aplicação de entrevistas à mãe, ao pai e à atual professora de violino da jovem.

Os resultados apontam para uma evolução notória no desenvolvimento de competências nos campos da formação pessoal, social e também musical, alterando os seus comportamentos e evidenciando um aumento de autoestima, o desejo de comunicar e o aumento do leque de interesses.

Palavras-Chave: Prática de Ensino Supervisionada; Música; Síndrome de Down; Família; Violino.



## Abstract

The present report highlights the development of our Professional Teaching Practicum. The first part describes the work done in the classes of Musical Training and Workgroup Class at Conservatório Regional de Setúbal during the academic year of 2013/2014. The second part refers to a research project that studied the relationship with the music of a young man with Down Syndrome.

The determining factor that led me to the curiosity and interest in the investigation of this subject was the personal experience I shared with a young carrier of Down Syndrome as her music and violin teacher. So the research question focuses on the importance that learning music had in the life of Maria; on motivation initially demonstrated and after the end of this experience: the benefits of this practice in the development of this young.

The main goal of this research was to analyse **the musical paths of a Toddler with Down Syndrome**. I placed as specific aims: Globally characterize the girl with Down Syndrome; Characterize the relevance of music in her life with this Syndrome; Characterize the relation that she keeps with the violin learning; Characterize the role of the school and teachers regarding the relation that this girl keeps with the music; Characterize the role of the family regarding the relation that Maria, being a girl with Down Syndrome, keeps with the music.

To do this, we used a qualitative methodology, exploratory and descriptive, which has its own account and with the application of interviews the mother, father and current violin teacher of the young.

The results indicate a remarkable evolution in the development of skills in the fields of personal, social and also musical education by changing their behavior and showing an increase of self-esteem, the desire to communicate and the increasing range of interests.

Keywords: Supervised Teaching Practice; Music; Down Syndrome; Family; Violin.



# Índice geral

## PARTE I

REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PROFISSIONAL .....	1
1. <i>Prática de ensino supervisionada no ensino especializado da música</i> .....	3
1.1. Caracterização do Meio .....	4
1.3. Caraterização da Turma 5 <sup>ª</sup> A/1 <sup>º</sup> Grau Articulado.....	5
2. Planificar.....	7
2.1. Avaliar .....	7
2.2. Planificações e reflexões das aulas.....	8
PLANIFICAÇÕES ANUAIS.....	9
PLANIFICAÇÕES E REFLEXÕES DE FORMAÇÃO MUSICAL .....	13
PLANIFICAÇÕES E REFLEXÕES DE CLASSE DE CONJUNTO .....	29
2.3. Manuais utilizados .....	42
3. Reflexão.....	43

## PARTE II

PROJETO DE INVESTIGAÇÃO .....	47
<i>Capítulo I – Introdução</i> .....	49
O meu caso com a Maria .....	49
1.1 Delimitação e problemática de investigação .....	51
1.2 Estrutura do Relatório .....	52
<i>Capítulo II – A Síndrome de Down e a Música</i> .....	54
2.1 Síndrome de Down, contextualização e conceitos.....	54
2.2 O processo de estimulação da criança com Síndrome de Down.....	55
2.3 Papel desempenhado pela escola e pelos professores na criança com síndrome de Down. ...	57
<i>Capítulo III – Metodologia</i> .....	60
3.1. Introdução e Finalidades .....	60
3.2. Objetivos de investigação .....	60
3.3. Metodologia utilizada.....	61
3.4. Estudo de Caso.....	61
3.5. Amostra (Caracterização) .....	63
3.6. Técnicas de recolha de dados .....	63
3.7. Técnicas de análise de dados .....	69
<i>Capítulo IV – Análise e discussão dos resultados</i> .....	71
4.1. Caracterização global da jovem com síndrome de Down .....	71
4.1.1. Apetos físicos.....	71
4.1.2. Aspectos Cognitivos.....	71

4.1.3. Aspectos relacionais.....	72
4.2. A importância da música na vida da jovem com síndrome de Down.....	73
4.2.1. Aspectos sócio afetivos .....	73
4.2.2. Aspectos cognitivos e motores.....	74
4.3. A relação da jovem com síndrome de Down com a aprendizagem do violino. ....	74
4.3.1. Aspectos sócio afetivos .....	74
4.3.2. Aprendizagens específicas musicais .....	75
4.3.3. Aprendizagens transversais.....	76
4.4. O papel desempenhado pela escola e pelos professores na relação com a música da jovem com síndrome de Down. ....	76
4.4.1. Relação pedagógica .....	76
4.4.2. As escolas do ensino genérico na integração e na oferta de qualidade de ensino .....	78
4.5. O papel da família na relação com a música da jovem com síndrome de Down.....	79
4.5.1. A relação escola-família.....	79
4.5.2. O apoio da família ao estudo e ao acesso à cultura .....	79
4.5.3. A relação da Maria com a família.....	80
<i>Capítulo V – Considerações Finais.....</i>	<i>81</i>
<i>Referências Bibliográficas .....</i>	<i>85</i>
<b>ANEXOS</b>	
<i>Anexo I – Entrevista à Mãe.....</i>	<i>93</i>
<i>Anexo II – Entrevista ao Pai.....</i>	<i>97</i>
<i>Anexo III– Entrevista à Professora de Violino.....</i>	<i>101</i>
<i>Anexo IV– Tabela de Análise de Conteúdo.....</i>	<i>104</i>

## Lista de Tabelas

Tabela 1 – Planificação anual da disciplina de Formação Musical durante o ano letivo 2013/2014.	10
Tabela 2 – Planificação anual da disciplina de Classe de Conjunto durante o ano letivo 2013/2014.	11
Tabela 3 – Planificação da aula de Formação Musical do dia 01 de Outubro do ano letivo de 2013/2014.	14
Tabela 4 – Planificação da aula de Formação Musical do dia 08 de Outubro do ano letivo de 2013/2014.	16
Tabela 5 – Planificação da aula de Formação Musical do dia 14 de Janeiro do ano letivo de 2013/2014.	18
Tabela 6 – Planificação da aula de Formação Musical do dia 21 de Janeiro do ano letivo de 2013/2014.	21
Tabela 7 – Planificação da aula de Formação Musical do dia 22 e 29 de Abril do ano letivo de 2013/2014.	23
Tabela 8 – Planificação da aula de Formação Musical do dia 13 de Maio do ano letivo de 2013/2014.	26
Tabela 9 – Planificação da aula de Classe de Conjunto do dia 24 de Setembro do ano letivo de 2013/2014.	30
Tabela 10 – Planificação da aula de Classe de Conjunto do dia 01 de Outubro do ano letivo de 2013/2014.	32
Tabela 11 – Planificação da aula de Classe de Conjunto do dia 07 de Janeiro do ano letivo de 2013/2014.	34
Tabela 12 – Planificação da aula de Classe de Conjunto do dia 14 de Janeiro do ano letivo de 2013/2014.	36
Tabela 13 – Planificação da aula de Classe de Conjunto do dia 06 de Maio do ano letivo de 2013/2014.	38
Tabela 14 – Planificação da aula de Classe de Conjunto do dia 13 de Maio do ano letivo de 2013/2014.	40
Tabela 15 - ENTREVISTA SEMI-ESTUTURADA À MÃE E AO PAI	65
Tabela 16 - ENTREVISTA SEMI-ESTUTURADA À PROFESSORA	67

Tabela 17 – EXCERTO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	70
---	----

## Lista de Abreviaturas, siglas e acrónimos

SD – Síndrome de Down

ME – Ministério da educação

NEE – Necessidades Educativas Especiais







## **Parte I**

---

### **Reflexão Sobre a Prática Profissional**



## 1. Prática de ensino supervisionada no ensino especializado da música

Ao elaborar o Dossier de Estágio pretendi passar para o papel o que foi a minha experiência de aprendizagem, consolidação de conteúdos recebidos ao longo da formação inicial e ação desenvolvida enquanto agente educativo numa classe que me foi confiada para este ano letivo 2013/2014. Apliquei e pus em prática as competências adquiridas durante a formação, numa turma composta por treze alunos para a componente de Formação Musical e Classe de Conjunto, ministrado no Conservatório Regional de Setúbal. Apresentarei detalhadamente os aspetos relevantes que aconteceram ao longo da prática supervisionada, bem como reflexões sobre o percurso feito durante o estágio pedagógico inserido no Mestrado em Ensino de Música, na ESART.

Ao iniciar esta nova etapa, refleti sobre os mecanismos da aprendizagem e relembrei os conteúdos adquiridos na cadeira de psicologia da aprendizagem. Planificar, ensinar, aprender, avaliar, são palavras fundamentais que devemos ter sempre presentes enquanto agentes educativos conducentes ao sucesso pessoal e profissional, aplicando no dia-a-dia conceitos de fundamentação de estratégias, como conceber, gerir, organizar e regular o processo de ensino para uma melhor aprendizagem dos nossos alunos.

O mundo e as sociedades estão em constante mutação, sendo fundamental refletir sobre conceitos de profissionalismo docente em tempo de mudança, para que estejamos constantemente atualizados e capazes de seguir esta nobre tarefa que é Ensinar. Segundo Roldão (2009, pag.57): “O elemento definidor da estratégia de ensino é o seu grau de concepção intencional e orientador de um conjunto organizado de acções para a melhor consecução de uma determinada aprendizagem.”

Analisando esta citação, enquanto professora, convida-me a pensar: o que é ensinar?

Ensinar é partilhar com os nossos alunos um conhecimento que eles ainda não tinham descoberto, ou seja, ensinar é fazer com que alguém adquira algo de novo que seja necessário, desenvolvendo as suas próprias competências, tornando-se, deste modo, também responsável pela sua aprendizagem. Este conceito de ensinar distancia-se da escola tradicional em que o mestre, o professor, era o detentor do conhecimento e do saber, que transmitia os conteúdos, e ao aluno cabia o papel de recetor da mensagem, sem direito de opinar. A escola hodierna apresenta uma partilha de conhecimentos com interação entre pares. O Currículo Nacional fornece-nos um conjunto de competências definidas como saberes que se desenvolvem na prática através de uma ação. Roldão (2003: p. 21) salienta que: “A competência, uma vez adquirida, não se esquece nem se perde – mas pode ampliar-se e consolidar-se, sempre”. O conceito de pessoa enquanto “tábua rasa”, está ultrapassado, pois todos transportamos o próprio conhecimento, sendo que os saberes a ele ligados são para ser utilizados no devido momento e não armazenados como saberes inertes.

Neste processo ensino/aprendizagem é fundamental o conhecimento da realidade que nos cerca, fazendo a caracterização do meio - diversidade cultural que se cruza com a escola e com a turma -, para que se promovam estratégias conducentes ao sucesso integral dos alunos, tendo em atenção o todo que é a pessoa.

## **1.1. Caracterização do Meio**

A cidade de Setúbal fica situada junto à foz do rio Sado. Assistiu na primeira metade deste século a um crescimento extraordinário da indústria conserveira que originou um grande acréscimo populacional com reflexos na vida cultural da região. Conheceu nos anos sessenta um período de forte surto de crescimento económico, com a instalação de diversas unidades fabris, que trouxe a Setúbal um elevado número de novos habitantes provenientes de várias regiões do país.

Posteriormente, Setúbal voltou não só a receber inúmeras famílias vindas das ex- colónias, como continuou a acolher, uma forte corrente migratória, tendo-se, por esta via criado uma situação de descaracterização e desenraizamento cultural que com as conhecidas crises económicas originou grandes contrastes e graves problemas nos vários estratos sociais da população sadina

A população de Setúbal continua em crescimento, totalizando aproximadamente 120 mil habitantes, cuja população ativa se emprega essencialmente nos sectores secundário e terciário.

A cidade apresenta hoje 34 Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico, 10 Escolas do 2o e 3o ciclos e Secundárias organizadas em 6 Agrupamentos, 3 Escolas profissionais e 4 Escolas de Ensino Artístico, bem como uma Escola de Ensino Superior, o Instituto Politécnico de Setúbal.

A proximidade geográfica e a melhoria das acessibilidades a Lisboa quer rodoviárias quer ferroviárias, influencia a Escola em vários aspetos de impacto positivo e negativo, nomeadamente o acesso a uma grande oferta cultural diversificada e variada, possibilidade de recrutamento de professores na área da grande Lisboa, condicionando, por outro lado, a oferta cultural da cidade e a facilidade de fluidez para a Capital.

## 1.2. Caracterização da Escola

A escola iniciou em regime de frequência supletivo e na última década deu-se uma inversão deste facto, sendo agora uma escola frequentada por uma grande maioria de alunos em regime articulado.

O grupo escolar é constituído por cerca de quinhentos alunos que frequentam em simultâneo o ensino regular e o ensino artístico da música.

Ao longo dos primeiros quinze anos a população escolar era constituída por alunos com idades superiores a catorze. Muitos destes alunos eram provenientes de Bandas Filarmónicas de Coletividades de Cultura e Recreio da sua zona residencial, Bandas Militares, Orquestra Sinfónica Juvenil e de grupos musicais amadores e/ou profissionais que tinham necessidade de obter mais qualificação e de uma formação musical específica, encontrando estas características nesta escola.

Nos últimos dez anos tem havido consecutivas alterações legislativas que progressivamente têm alterado a realidade descrita. A escola é frequentada no momento por cerca de trezentos alunos em regime articulado básico e secundário, cem em regime supletivo básico e secundário, cinquenta em iniciação e um bom número em cursos livres numa faixa etária que varia entre os dez e os catorze anos.

A oferta formativa de excelência é um dos fatores que levam os pais a procurar este tipo de ensino no Conservatório Regional de Setúbal, essencial às opções feitas pelos seus educandos no caminho da formação na área da música que, após conclusão do secundário, os encaminha para os institutos politécnicos e universidades do ramo musical.

## 1.3. Caracterização da Turma 5ºA/1º Grau Articulado

A turma A do 5º ano de escolaridade é constituída por treze alunos, sendo sete do sexo masculino e seis do sexo feminino.

As idades estão compreendidas entre os nove e os dez anos, sendo maioritário o grupo dos alunos com dez anos.

Nenhum deles apresenta problemas de ordem física, intelectual, psicológica, sendo dispensado qualquer tipo de apoio pedagógico acrescido ou de acompanhamento de um técnico de necessidades educativas especiais.

Os elementos da turma, devido à sua idade, tentam dispersar-se por vezes das tarefas escolares, evadindo-se para outros interesses, como dialogar e brincar com os seus colegas dentro da sala, o que é perfeitamente normal nas suas idades. Contudo, foi necessária, da minha parte, firmeza para uma “educação de grupo”. É uma turma

que tem que estar sempre em atividade, a realizar tarefas motivadoras, notando-se produtividade quer no trabalho individual, quer em classe de conjunto. Sempre que há necessidade de trabalhar em grupo, um facto importante no processo ensino/aprendizagem, tento habitua-los à partilha, ao saber-ouvir, ao “saber viver em grupo”. São bastante recetivos e gostam de, no final, apresentar o produto trabalhado em concertos, como aconteceu algumas vezes.

Como titular da classe, a relação com eles era muito boa e desde o primeiro momento que a empatia se deu. Embora com pouca experiência ligada às causas da educação, o gosto que me liga ao que faço e, sabendo a realidade vivida, pois há bem pouco tempo ainda me encontrava sentada do outro lado, procuro manter a calma e ser tolerante nos momentos mais turbulentos da aula.

## 2. Planificar

Planificar tem como objetivo converter uma ideia que temos, numa forma eficaz de transmitir um dado conhecimento. É o programar, determinado conteúdo para que se sinta conforto no ato de o partilhar e que os recetores sintam prazer e vontade de adquirir novas competências conducentes ao seu enriquecimento cultural. Quando estamos a planificar tentamos passar para a escrita um processo mental que achamos adequado para a concretização de determinado conteúdo. Este processo não é direcionado e estanque, tem que ser cíclico, tendo como a sucessão de erros e tentativas seguintes a base e o sucesso da transmissão de determinado conteúdo. Ao planificar, o professor mobiliza um conjunto de conhecimentos, experiências e procedimentos a nível disciplinar, didático e pedagógico que justifiquem e apoiem as decisões que vai tomar, usando assim uma orientação estratégica para alcançar um propósito, não se ficando apenas pelo nível das intenções, sendo necessário operacionalizar com minúcia, prevendo técnicas e procedimentos a utilizar, sequências de atividades estrategicamente organizadas e formas de avaliação pertinentes. Roldão (2009: p.56), afirma que “toda a ação desenvolvida pelo professor, desde a conceção e planificação ao desenvolvimento didático e à avaliação do aprendido – processo de desenvolvimento curricular – é em si mesma de natureza estratégica”. Esta estratégia serve como segurança no desenvolvimento do trabalho a que cada profissional deve propor-se, para que no decorrer de uma aula não se sinta como um barco à deriva, contudo não podemos estar também completamente formatados, pois na partilha de conhecimentos, na dinâmica e no interagir da turma é que reside o sucesso de um professor, do aluno e da escola.

Neste propósito, elaborei as planificações que apresento. Serviram como ponto de partida para o decorrer da aula, mas estive sempre com a devida atenção para o currículo oculto que cada aluno armazena, fazendo a justa posição e encadeamento dos conteúdos presentes no currículo formal.

### 2.1. Avaliar

É uma característica do ser humano avaliar o que observa, não sendo exceção no processo educativo a necessidade de haver uma ferramenta que avalie de forma qualitativa ou quantitativa determinada ação que se desenvolveu ou determinado conteúdo que se transmitiu. A avaliação poderá ser um bom instrumento que favorece a aprendizagem, pois requer empenho, esforço, trabalho, dedicação da parte dos alunos, com a finalidade de atingir uma meta ou determinado objetivo. Enquanto fator integrante e controlador das práticas pedagógicas, é visto como um elemento de certificação de aprendizagens e de competências.

Fernandes (2001: p.68 apud MENDONÇA, 2007) diz que “a avaliação, durante muito tempo, esteve mais atenta à medição dos resultados adquiridos pelos alunos, através da elaboração e utilização de testes e exames, em detrimento da valorização dos processos que promoviam essa aquisição ou aprendizagem, abandonando, assim, a possibilidade de outros métodos mais reflexivos.” Penso que deve haver outros indicadores facilitadores de uma avaliação, pois não é unicamente pelo teste que o aluno mostra as suas capacidades. A avaliação para que seja mais justa necessita de recorrer a mais que um método, dar atenção ao desempenho, às estratégias e aos processos dos alunos durante a resolução de tarefas simples ou complexas. Há ainda muitos professores que se baseiam meramente no currículo académico para avaliar, defendendo que a acumulação dos conhecimentos continua a ser a base fundamental do objeto de avaliação. Alonso (2001: 20) refere que é necessário “um ensino construtivista que requer uma avaliação contínua, formativa, diferenciada e multidimensional”. Só com esta visão de ensino, segundo a autora, a aprendizagem terá significado e poderá desenvolver competências para a vida, integrando saberes, a capacidade de pensar com eficácia. Avaliar implica observar a forma como os alunos resolvem problemas simples e complexos e mobilizem atitudes, competências e saberes.

Procurei ao longo do meu estágio seguir estas diretrizes. Comecei por fazer uma avaliação de diagnóstico no início do ano letivo para me inteirar dos conhecimentos que cada aluno tinha. Sempre que executavam alguma atividade e tarefa eram matéria para avaliar.

## **2.2. Planificações e reflexões das aulas**

Neste ponto apresento a síntese de todo o ano letivo, com as Planificações Anuais, referentes à disciplina de Formação Musical e Classe de Conjunto.

Exponho de seguida, a título de exemplo, as planificações e respetivas reflexões das aulas de Formação Musical e Classe de Conjunto - duas do primeiro, duas do segundo e duas do terceiro períodos letivos.

## **Planificações Anuais**



Conservatório Regional de Setúbal

## Conservatório Regional de Setúbal Planificação Anual 2013/2014

<b>Professor:</b> Marta Cepêda			<b>Disciplina:</b> Formação Musical					
<b>Turma/Aluno:</b> Articulado			<b>Ano/Grau:</b> 5º Ano/1º Grau					
Competências Específicas	Conteúdos Programáticos	Estratégias Curriculares	Recursos / Materiais / Bibliografia	Avaliação	Calendarizaçã o			
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Solidificar a introdução dos conteúdos programáticos</li> <li>• Conhecer e reconhecer as figuras rítmicas;</li> <li>• Conseguir concretizar, leituras rítmicas, rezadas e melódicas com marcação de pulsação;</li> <li>• Reconhecer e identificar escalas, intervalos, acordes e cadências;</li> <li>• Conseguir concretizar ditados rítmicos a uma parte e melódicos a uma voz na extensão de quatro a oito compassos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Introdução do pentagrama;</li> <li>• Introdução do nome das notas, hastes, barras de compasso e sinais de repetição;</li> <li>• Introdução de alterações: Bemol, sustenido e Bequadro;</li> <li>• Compassos 2, 3, 4 6 9 12 4 4 4 8 8 8</li> <li>• Figuras rítmicas do programa;</li> <li>• Clave de sol e clave de fá;</li> <li>• Escalas diatónicas do modo maior e no modo menor natural de Dó M, lá m, Sol M, mi m, Fá M, ré m;</li> <li>• Intervalos de 2ªm/M, 3ªm/M, 4ªP, 5ªP e 8ªP;</li> <li>• Acordes Perfeito Maior e Perfeito menor no estado fundamental;</li> <li>• Cadência perfeita e cadência à dominante/suspensiva;</li> <li>• Exercícios de solfejo rezado e entoado na clave de sol e fá;</li> <li>• Ditados de sons, rítmicos e melódicos;</li> <li>• Lieder.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Introdução das bases musicais - essenciais para a compreensão da gramática musical;</li> <li>• Leitura rezada - fortalece fundamentalmente a capacidade de leitura do texto musical a vários níveis; clave, compasso, notas e valor das figuras rítmicas e das pausas.</li> <li>• Ditados e exercícios rítmicos - fortalecem essencialmente o sentido rítmico, pulsação e marcação de compasso e obrigam o conhecimento das células rítmicas;</li> <li>• Canções, exercícios, ditados de sons e ditados melódicos - desenvolvem, maioritariamente, a noção intervalar, o sentido do fraseado e a leitura entoada das notas e o reconhecimento auditivo das notas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Piano;</li> <li>• Quadro;</li> <li>• Giz;</li> <li>• Caderno;</li> <li>• Estojo;</li> <li>• Computador;</li> <li>• Livros: Fontaine – Solfejo e Ritmo</li> <li>• Lieder de variados compositores;</li> <li>• Ditados e exercícios rítmicos de autoria própria.</li> </ul>	<p><b>Avaliação formativa:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Capacidade auditiva</li> <li>• Sentido rítmico</li> <li>• Leitura</li> <li>• Afinação</li> <li>• Capacidade analítica</li> <li>• Progresso na aprendizagem</li> <li>• Atitude</li> </ul> <p><b>Avaliação sumativa:</b> Testes escritos Testes orais</p>	<p>2 aulas semanais de 45 minutos</p>			
					<p>Aulas Previstas por Período</p>			
					<table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 33%; border: 1px solid black; text-align: center;">1º</td> <td style="width: 33%; border: 1px solid black; text-align: center;">2º</td> <td style="width: 33%; border: 1px solid black; text-align: center;">3º</td> </tr> </table>	1º	2º	3º
1º	2º	3º						

Tabela 1 – Planificação anual da disciplina de Formação Musical durante o ano letivo 2013/2014.

Conservatório Regional de **Setúbal**

## Conservatório Regional de Setúbal Planificação Anual 2013/2014

<b>Professor:</b> Marta Cepêda			<b>Disciplina:</b> Classe de Conjunto		
<b>Turma/Aluno:</b> Articulado			<b>Ano/Grau:</b> 5º Ano/1º Grau		
Conceitos	Conteúdos	Objectivos Específicos	Recursos / Materiais / Bibliografia	Avaliação	Calendarização
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Voz;</li> <li>• Corpo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relaxamento;</li> <li>• Postura;</li> <li>• Respiração;</li> <li>• Entoação;</li> <li>• Timbre;</li> <li>• Dicção;</li> <li>• Afinação;</li> <li>• Ritmo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O aluno deve ser capaz de:               <ul style="list-style-type: none"> <li>-Manter a postural corporal adequada ao canto;</li> <li>-Usar a respiração de forma adequada;</li> <li>-Cantar corretamente os vocalizos do aquecimento vocal;</li> </ul> </li> <li>• -Entoar com boa articulação textual;</li> <li>-Entoar com dinâmicas simples (ex.: <i>forte, piano, crescendo, decrescendo</i>);</li> <li>-Conhecer repertório</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Piano;</li> <li>• Quadro;</li> <li>• Giz;</li> <li>• Caderno;</li> <li>• Estojo;</li> <li>• Partituras das peças.</li> </ul>	<p><b>•Observação directa:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Participação;</li> <li>-Autonomia;</li> <li>-Cumprimento dos objetivos;</li> <li>-Comportamento;</li> <li>-Atitude;</li> <li>-Execução dos padrões melódicos;</li> <li>-Execução da peça individualmente e em conjunto.</li> </ul> <p><b>Avaliação sumativa:</b> Testes orais</p>	2 aulas semanais de 45 minutos

Tabela 2 – Planificação anual da disciplina de Classe de Conjunto durante o ano letivo 2013/2014.



## **Planificações e Reflexões de Formação Musical**



Conservatório Regional de Setúbal

**Conservatório Regional de Setúbal  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Supervisor**  
Prof. José Raimundo

Estagiária Marta Cepêda

**Professor Cooperante**  
Prof. Raul Avelãs

<b>Data:</b> 01/10/2013		<b>Duração:</b> 90 minutos		<b>Nível:</b> 5ºAno/1ºGrau	
<b>Conceitos</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Objectivos</b>	<b>Actividades</b>	<b>Recursos</b>	<b>Avaliação</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ritmo</li> <li>• Melodia</li> <li>• Harmonia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Células Rítmicas;</li> <li>• Claves;</li> <li>• Acordes;</li> <li>• Dinâmicas;</li> <li>• Alterações.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer as notas nas claves;</li> <li>• Executar leituras rítmicas;</li> <li>• Identificar auditivamente as notas numa tonalidade;</li> <li>• Identificar auditivamente as diferentes células rítmicas;</li> <li>• Reconhecer as dinâmicas;</li> <li>• Reconhecer as alterações: bemol, bequadro, sustenido;</li> <li>• Identificar auditivamente as cadências conclusiva e não conclusiva.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elaboração de exercícios para compreensão das claves;</li> <li>• Execução de exercícios de leitura rítmica;</li> <li>• Elaboração de um ditado rítmico com as células dadas na aula anterior;</li> <li>• Elaboração de um ditado de sons;</li> <li>• Audição de uma sequência de funções harmónicas para reconhecimento da cadência;</li> <li>• Audição de melodias para reconhecimento das dinâmicas;</li> <li>• Elaboração de exercícios para compreensão das alterações.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caderno</li> <li>• Estojo</li> <li>• Quadro</li> <li>• Giz</li> <li>• Piano</li> </ul>	<p><b>Avaliação formativa:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Capacidade auditiva</li> <li>• Sentido rítmico</li> <li>• Leitura</li> <li>• Capacidade analítica</li> <li>• Progresso na aprendizagem</li> <li>• Atitude</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação direta</li> <li>• Intervenções orais e escritas</li> <li>• Atividades práticas</li> </ul>

Tabela 3 – Planificação da aula de Formação Musical do dia 01 de Outubro do ano letivo de 2013/2014.

**Conservatório Regional de Setúbal  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Reflexão Crítica**  
Formação Musical

**Estagiária:**  
Marta Cepêda

**Supervisor:**  
Prof. José Raimundo  
**Professor Cooperante:**  
Prof. Raul Avelãs

### **1 de Outubro de 2013**

Começámos a aula por fazer a correção dos trabalhos de casa. Foi pedido aos alunos, na aula anterior, que completassem exercícios de identificação das notas nas suas claves.

A tarefa pedida foi realizada por todos os alunos com sucesso.

Executámos exercícios de leituras rítmicas – leitura apontada – em “tá” (semínima), “ti-ti” (duas colcheias) e “ti-ri-ti-ri” (quatro semicolcheias) e silêncio na pausa de semínima.

Posteriormente os alunos elaboraram um ditado rítmico com as células dadas na aula anterior. Na correção, fiquei surpresa com seis alunos que completaram o ditado de forma correta, enquanto que os restantes tiveram algumas dúvidas por ser o primeiro ditado, tal como era esperado.

De seguida, os alunos elaboraram um ditado de sons em DóM. Foi feita a correção sem muitas dúvidas, pois a dificuldade do exercício não era muita (graus conjuntos; acorde; sensível).

Foram executados exercícios de compreensão das dinâmicas e das alterações – bemol, bequadro e suspenso.

Para finalizar a aula, foi explicado aos alunos que as cadências eram finais de frases musicais. Nesta sequência, foi feita a audição de funções tonais, para eles identificarem se a cadência era conclusiva ou não conclusiva, exercício finalizado com bastante sucesso.

Concluí que os objectivos da aula foram alcançados com sucesso, revelando um bom aproveitamento.



Conservatório Regional de Setúbal

## Conservatório Regional de Setúbal Prática de Ensino Supervisionada

**Supervisor**

Prof. José Raimundo

Estagiária Marta Cepêda

**Professor Cooperante**

Prof. Raul Avelãs

Data: 08/10/2013		Duração: 90 minutos		Nível: 5ºAno/1ºGrau	
Conceitos	Conteúdos	Objectivos	Actividades	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ritmo</li> <li>• Melodia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ordenações;</li> <li>• Melodias;</li> <li>• Células Rítmicas;</li> <li>• Claves;</li> <li>• Compassos;</li> <li>• Lied.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Solfejar o exercício pedido;</li> <li>• Entoar ordenações com o nome de notas;</li> <li>• Executar leituras melódicas;</li> <li>• Executar leituras rítmicas;</li> <li>• Compreender a diferença entre os compassos de divisão binária e ternária;</li> <li>• Memorizar uma melodia e transpor essa mesma melodia;</li> <li>• Entoar um lied à primeira vista.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entoação de ordenações com o nome de notas: d-r-d, r-m-r...; d-r-m-m, r-m-f-f.;</li> <li>• Execução de exercícios de leituras de melodias;</li> <li>• Execução de exercícios de leitura rítmica;</li> <li>• Elaboração de exercícios para compreensão dos compassos da divisão binária e da divisão ternária;</li> <li>• Audição e memorização de uma melodia;</li> <li>• Transposição dessa mesma melodia (só o nome das notas)</li> <li>• Entoação do lied “When Love in Kind”.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caderno</li> <li>• Estojo</li> <li>• Quadro</li> <li>• Giz</li> <li>• Piano</li> <li>• Livro: Fontaine</li> <li>• Partitura do Lied</li> </ul>	<p><b>Avaliação formativa:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Capacidade auditiva</li> <li>• Sentido rítmico</li> <li>• Leitura</li> <li>• Afinação</li> <li>• Capacidade analítica</li> <li>• Progresso na aprendizagem</li> <li>• Atitude</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação direta</li> <li>• Intervenções orais e escritas</li> <li>• Atividades práticas</li> </ul>

Tabela 4 – Planificação da aula de Formação Musical do dia 08 de Outubro do ano letivo de 2013/2014.

**Conservatório Regional de Setúbal  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Reflexão Crítica  
Formação Musical**

**Estagiária:**  
Marta Cepêda

**Supervisor:**  
Prof. José Raimundo  
**Professor Cooperante:**  
Prof. Raul Avelãs

**8 de Outubro de 2013**

A aula foi iniciada com a correção dos trabalhos de casa. Foi-lhes pedido que lessem a primeira linha do primeiro exercício do Fontaine, no andamento favorável a cada um.

Justificando que se tinham esquecido de realizar os trabalhos propostos para casa, o exercício foi executado apenas por três alunos, sendo que dois deles estavam bastante bem e o outro com menos perfeição.

Após uma conversa relativa ao acontecimento que se tinha passado e, tentando consciencializar os alunos de que os trabalhos têm que ser cumpridos, continuámos a aula com a entoação de ordenações: d-r-d, r-m-r.; d-r-m-m, r-m-f-f.

Este exercício foi executado com muito boa disposição, pois foi um grande desafio conseguirem dizer o nome correto das notas e fazer a associação rapidamente.

De seguida foram executados exercícios de leituras melódicas, em DóM e em graus conjuntos, sendo também desafiante, pois tinham que estar com atenção ao nome de notas, à altura do som e ao ritmo.

Executámos exercícios de leituras rítmicas – leitura da página 1 do Fontaine -, passando das sílabas rítmicas para “pa pa” ou “ta ta”. Não senti grande dificuldade nesta passagem e achei que a aprendizagem com as sílabas rítmicas, na fase inicial, é mais simples para eles perceberem como é que as células têm que ser lidas e sentidas.

Posteriormente elaborámos exercícios para compreender a diferença entre os compassos de divisão binária e ternária. Houve algumas dúvidas, confusões, que acabaram logo por ser esclarecidas.



Conservatório Regional de Setúbal

## Conservatório Regional de Setúbal Prática de Ensino Supervisionada

**Supervisor**  
Prof. José Raimundo

Estagiária Marta Cepêda

**Professor Cooperante**  
Prof. Raul Avelãs

Data: 14/01/2014		Duração: 90 minutos		Nível: 5ºAno/1ºGrau	
Conceitos	Conteúdos	Objectivos	Actividades	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ritmo</li> <li>• Melodia</li> <li>• Harmonia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Solfejo;</li> <li>• Ordenações;</li> <li>• Intervalos</li> <li>• Acordes</li> <li>• Cadências</li> <li>• Células Rítmicas;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer as notas nas claves;</li> <li>• Entoar ordenações com o nome de notas;</li> <li>• Reconhecer auditivamente intervalos, acordes e cadências;</li> <li>• Classificar e formar acordes;</li> <li>• Executar leituras rítmicas;</li> <li>• Identificar auditivamente as notas numa tonalidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Correção dos t.p.c;</li> <li>• Entoação de ordenações com o nome de notas: d-r-d, r-m-r./ d-r-m-m, r-m-f-f./ d-r-m-r-d, r-m-f-m-r/ d-r-m-m-d, r-m-f-f-r;</li> <li>• Execução de exercícios para identificação auditiva de intervalos (2ªM/m, 3ªM/m e 8ªP), acordes (M e m) e cadências (C e NC);</li> <li>• Elaboração de exercícios para compreensão da classificação e formação de acordes;</li> <li>• Execução de exercícios de leitura rítmica para aprendizagem de novas células: colcheia-duas semicolcheias/ duas semicolcheias-colcheia;</li> <li>• Elaboração de um ditado de sons.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caderno</li> <li>• Estojo</li> <li>• Quadro</li> <li>• Giz</li> <li>• Piano</li> <li>• Livro-Fontaine</li> </ul>	<p><b>Avaliação formativa:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Capacidade auditiva</li> <li>• Sentido rítmico</li> <li>• Afinação</li> <li>• Leitura</li> <li>• Capacidade analítica</li> <li>• Progresso na aprendizagem</li> <li>• Atitude</li>   <li>• Observação direta</li> <li>• Intervenções orais e escritas</li> <li>• Atividades práticas</li> </ul>

Tabela 5 – Planificação da aula de Formação Musical do dia 14 de Janeiro do ano letivo de 2013/2014.

**Conservatório Regional de Setúbal  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Reflexão Crítica  
Formação Musical**

**Estagiária:**  
Marta Cepêda

**Supervisor:**  
Prof. José Raimundo  
**Professor Cooperante:**  
Prof. Raul Avelãs

**14 de Janeiro de 2014**

Começámos a aula com a correção dos trabalhos para casa. Os alunos deveriam estudar o segundo exercício da primeira página do Fontaine em clave de sol e o ritmo da página 18 do Fontaine (divisão ternária). A actividade do solfejo foi realizada por apenas oito alunos, enquanto que a leitura rítmica de divisão ternária foi realizada por todos, com bastante sucesso.

Passámos à entoação de ordenações com o nome de notas: d-r-d, r-m-r...; d-r-m-m, r-m-f-f...; d-r-m-r-d, r-m-f-m-r...; d-r-m-m-d, r-m-f-f-r...; A boa disposição que vi na primeira vez que entoámos ordenações, voltei a vê-la nesta aula, pois o facto de ser desafiante dizer o nome de notas correto, deixa-os eufóricos para conseguirem concretizar o exercício.

Executámos exercícios para a identificação auditiva de intervalos (2ªMaior/menor, 3ªMaior/menor e 8ªPerfeita), de acordes (Maior e menor) e de cadências (Conclusiva e Não Conclusiva), sem problemas de compreensão.

De seguida os alunos elaboraram exercícios para a compreensão da classificação e formação de acordes. Foi-lhes ensinada a construção dos acordes Maiores (3ªM/5ªP), menores (3ªm/5ªP), Aumentados (3ªM/ 5ªA) e diminutos (3ªm/5ªd), para melhor entendimento dos conhecimentos adquiridos

Posteriormente foram executados exercícios de leituras rítmicas apontadas, com novas células: colcheia - duas semicolcheias/ duas semicolcheias – colcheia, através de desconstrução rítmica. As células novas foram aprendidas com bastante facilidade.

No final da aula os alunos elaboraram um ditado de sons.

Concluo que, apesar da dificuldade dos conteúdos ir aumentando, grande parte da turma reage com bastante eficácia ao que lhe é pedido. Os alunos com mais dificuldades vão fazendo um esforço para perceber os conteúdos e para acompanhar o resto da turma, acabando por ser interessante a motivação que vão demonstrando ao longo do ano.



Conservatório Regional de Setúbal

## Conservatório Regional de Setúbal Prática de Ensino Supervisionada

**Supervisor**  
Prof. José Raimundo

Estagiária Marta Cepêda

**Professor Cooperante**  
Prof. Raul Avelãs

<b>Data:</b> 21/01/2014		<b>Duração:</b> 90 minutos		<b>Nível:</b> 5ºAno/1ºGrau	
<b>Conceitos</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Objectivos</b>	<b>Actividades</b>	<b>Recursos</b>	<b>Avaliação</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ritmo</li> <li>• Melodia</li> <li>• Harmonia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Solfejo;</li> <li>• Ordenações</li> <li>• Acordes;</li> <li>• Arpejos;</li> <li>• Células Rítmicas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer as notas nas claves;</li> <li>• Entoar ordenações com o nome de notas;</li> <li>• Entoar acordes e arpejos;</li> <li>• Classificar e formar acordes;</li> <li>• Executar leituras rítmicas;</li> <li>• Identificar auditivamente as células rítmicas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Correção dos t.p.c;</li> <li>• Entoação de ordenações com o nome de notas: d-r-d, r-m-r./ d-r-m-m, r-m-f-f./ d-r-m-r-d, r-m-f-m-r/ d-r-m-m-d, r-m-f-f-r;</li> <li>• Entoação de acordes e arpejos começados em todas as notas da escala (nome de notas);</li> <li>• Elaboração de exercícios para classificação e formação de acordes;</li> <li>• Execução de exercícios de leitura rítmica;</li> <li>• Elaboração de um ditado rítmico com as células aprendidas na aula anterior.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caderno</li> <li>• Estojo</li> <li>• Quadro</li> <li>• Giz</li> <li>• Piano</li> <li>• Livro-Fontaine</li> </ul>	<p><b>Avaliação formativa:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Capacidade auditiva</li> <li>• Sentido rítmico</li> <li>• Ajustação</li> <li>• Leitura</li> <li>• Capacidade analítica</li> <li>• Progresso na aprendizagem</li> <li>• Atitude</li>   <li>• Observação direta</li> <li>• Intervenções orais e escritas</li> <li>• Atividades práticas</li> </ul>

Tabela 6 – Planificação da aula de Formação Musical do dia 21 de Janeiro do ano letivo de 2013/2014.

**Conservatório Regional de Setúbal  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Reflexão Crítica**  
Formação Musical

**Estagiária:**  
Marta Cepêda

**Supervisor:**  
Prof. José Raimundo  
**Professor Cooperante:**  
Prof. Raul Avelãs

## **21 de Janeiro de 2014**

A aula foi começada com a correção dos trabalhos para casa, sendo estes: um solfejo em clave de sol, divisão ternária (pág. 18, primeira linha do primeiro exercício, do Fontaine) e construção e classificação de acordes. O solfejo foi realizado pela turma inteira, à exceção de uma aluna. Quatro destes alunos fizeram o trabalho de casa na perfeição. Na construção e classificação de acordes, apenas sete alunos concluíram o trabalho, ainda com algumas dúvidas, dúvidas essas tiradas no momento seguinte com a elaboração de novos exercícios.

Passámos à entoação de ordenações com o nome de notas: d-r-d, r-m-r...; d-r-m-m, r-m-f-f...; d-r-m-r-d, r-m-f-m-r...; d-r-m-m-d, r-m-f-f-r, podendo referir que a precisão no nome de notas melhora de aula para aula.

De seguida os alunos entoaram acordes e arpejos (começando em todas as notas da escala), de forma a memorizar as sonoridades dos mesmos e para ajudar a memorizar as notas pertencentes a cada um, dependendo da tónica. Foi um trabalho difícil e confuso, que precisará de ser feito durante todo o ano, para a aprendizagem ser mais eficaz.

Posteriormente foram executados exercícios de leituras rítmicas e um ditado rítmico com as células aprendidas na aula anterior. Não foi demonstrada grande dificuldade na realização dos mesmos.

Posso concluir que a falta de realização dos trabalhos de casa, torna a correção mais demorada, gastando mais tempo da aula do que era previsto. No entanto os objectivos têm vindo a ser alcançados.



Conservatório Regional de Setúbal

## Conservatório Regional de Setúbal Prática de Ensino Supervisionada

**Supervisor**

Prof. José Raimundo

Estagiária Marta Cepêda

**Professor Cooperante**

Prof. Raul Avelãs

Data: 22/04/2014 – 29/04/2014		Duração: 180 minutos		Nível: 5ºAno/1ºGrau	
Conceitos	Conteúdos	Objetivos	Actividades	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ritmo</li> <li>• Melodia</li> <li>• Harmonia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ciclo de Quintas;</li> <li>• Armações de clave;</li> <li>• Ordem dos sustenidos e dos bemóis;</li> <li>• Escalas;</li> <li>• Graus Tonais;</li> <li>• Ordenações;</li> <li>• Melodia;</li> <li>• Células Rítmicas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender o ciclo de 5ªs, armações de clave, escalas e relativas menores;</li> <li>• Memorizar a ordem dos sustenidos e dos bemóis;</li> <li>• Identificar auditivamente as escalas Maior, menor natural, menor harmónica e menor melódica;</li> <li>• Compreender e entoar os graus importantes da escala – Tónica, Subdominante, Dominante, Sensível;</li> <li>• Entoar ordenações com o nome das notas;</li> <li>• Executar leituras rítmicas em divisão binária e ternária;</li> <li>• Identificar auditivamente as células rítmicas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elaboração de exercícios para compreensão do ciclo de quintas, as armações de clave e respetivas escalas e da ordem dos sustenidos e dos bemóis;</li> <li>• Execução de exercícios para a identificação das escalas Maior, menor natural, menor harmónica e menor melódica;</li> <li>• Execução de exercícios para a compreensão e entoação dos graus importantes de uma tonalidade: Tónica, Subdominante, Dominante, Sensível;</li> <li>• Entoação de ordenações com o nome de notas;</li> <li>• Execução de exercícios de leitura rítmica;</li> <li>• Realização de um ditado rítmico em div. ternária e correção do mesmo;</li> <li>• Marcação dos testes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caderno</li> <li>• Estojo</li> <li>• Quadro</li> <li>• Giz</li> <li>• Piano</li> </ul>	<p><b>Avaliação formativa:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Capacidade auditiva</li> <li>• Sentido rítmico</li> <li>• Afinação</li> <li>• Leitura</li> <li>• Capacidade analítica</li> <li>• Progresso na aprendizagem</li> <li>• Atitude</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação direta</li> <li>• Intervenções orais e escritas</li> <li>• Atividades práticas</li> </ul>

Tabela 7– Planificação da aula de Formação Musical do dia 22 e 29 de Abril do ano letivo de 2013/2014.

**Conservatório Regional de Setúbal  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Reflexão Crítica**  
Formação Musical

**Estagiária:**  
Marta Cepêda

**Supervisor:**  
Prof. José Raimundo  
**Professor Cooperante:**  
Prof. Raul Avelãs

**22/29 de Abril de 2014**

A presente aula começou com a elaboração de exercícios para compreensão do ciclo de quintas, de armações de clave e respetivas escalas e da ordem dos sustenidos e dos bemóis.

Seguiu-se com a execução de exercícios para a identificação das escalas Maiores, menor natural, menor harmónica e menor melódica, sendo que o exercício foi aprendido com alguma facilidade e entusiasmo dos alunos, visto que alguns deles já as tocavam no instrumento.

Foram realizados exercícios para a compreensão e entoação dos graus importantes de uma tonalidade: Tónica, Subdominante, Dominante, Sensível (a partir e qualquer nota, com nome de notas), exercício que ajudará nas leituras melódicas e nos ditados melódicos.

Posteriormente foram entoadas ordenações com o nome de notas: d-r-d, r-m-r./ d-r-m-m, r-m-f-f./ d-r-m-r-d, r-m-f-m-r/ d-r-m-m-d, r-m-f-f-r/ d-m-r-f-m-sol-f-l-sol-si-l-d-si-r-d. Já estavam ligeiramente esquecidas, mas com a prática voltaram a ser realizadas com destreza.

Executámos exercícios de leituras rítmicas em divisão binária com célula nova: pausa de colcheia-colcheia, e em divisão ternária com duas células novas: pausa de semínima-colcheia/ colcheia - pausa de colcheia – colcheia. Houve alguma confusão, por soarem de forma parecida, com a colcheia com ponto - semicolcheia (div. binária) e com a pausa de semínima – colcheia, confusão essa que acabou por ser resolvida depois de realizarmos alguns exercícios.

Os alunos realizaram um ditado rítmico em divisão ternária, com as células novas, e foi feita a correção desse mesmo ditado.

Para finalizar a aula marcámos as avaliações orais e o teste escrito.

Concluo que foi uma aula produtiva, visto que os alunos aprenderam conteúdos novos, que foram assimilados de forma positiva.



Conservatório Regional de Setúbal

**Conservatório Regional de Setúbal  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Supervisor**  
Prof. José Raimundo

Estagiária Marta Cepêda

**Professor Cooperante**  
Prof. Raul Avelãs

Data: 13/05/2014		Duração: 90 minutos		Nível: 5ºAno/1ºGrau	
Conceitos	Conteúdos	Objectivos	Actividades	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> <li>Ritmo</li> <li>Melodia</li> <li>Hamonia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Células Rítmicas;</li> <li>Lieder;</li> <li>Intervalos;</li> <li>Acordes;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Executar leituras rítmicas à primeira vista nas duas divisões.</li> <li>Entoar os lieder feitos durante o ano;</li> <li>Identificar auditivamente as células rítmicas;</li> <li>Identificar auditivamente os intervalos (2ªM/m, 3ªM/m, 4ªP, 5ªP, 8ªP) e os acordes (Maior, menor e “outro”).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Avaliação pertencente ao teste oral: execução de duas leituras rítmicas à primeira vista (div. binária e div. ternária);</li> <li>Entoação dos lieder feitos durante o ano letivo;</li> <li>Realização de dois ditados rítmicos (div. binária e ternária);</li> <li>Execução de exercícios de identificação auditiva de intervalos (2ªM/m, 3ªM/m, 4ªP, 5ªP, 8ªP) e de acordes (Maior, menor e “outro”);</li> <li>Revisão de conteúdos lecionados anteriormente para a prova escrita.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Caderno</li> <li>Estojo</li> <li>Quadro</li> <li>Giz</li> <li>Piano</li> <li>Livro-Fontaine</li> </ul>	<p><b>Avaliação formativa:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Capacidade auditiva</li> <li>Sentido rítmico</li> <li>Afinação</li> <li>Leitura</li> <li>Capacidade analítica</li> <li>Progresso na aprendizagem</li> <li>Atitude</li>   <li>Observação direta</li> <li>Intervenções orais e escritas</li> <li>Atividades práticas</li> </ul>

Tabela 8 – Planificação da aula de Formação Musical do dia 13 de Maio do ano letivo de 2013/2014.

**Conservatório Regional de Setúbal  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Reflexão Crítica**  
Formação Musical

**Estagiária:**  
Marta Cepêda

**Supervisor:**  
Prof. José Raimundo  
**Professor Cooperante:**  
Prof. Raul Avelãs

**13 de Maio de 2014**

Começámos a aula com uma avaliação pertencente ao teste oral. Foi pedido aos alunos que executassem duas leituras rítmicas à primeira vista em divisão binária e divisão ternária.

Entoámos os lieders feitos ao longo do ano letivo e, à escolha deles, foi-lhes avaliada uma canção.

De seguida, os alunos elaboraram dois ditados rítmicos, um em divisão binária e outro em divisão ternária, sem se revelarem grandes dificuldades.

Posteriormente executámos exercícios de identificação auditiva de intervalos (2<sup>a</sup>M/m, 3<sup>a</sup>M/m, 4<sup>a</sup>P, 5<sup>a</sup>P e 8<sup>a</sup>P), acordes (Maior, menor e “outro”).

Por fim fizemos a revisão dos conteúdos lecionados anteriormente, para a prova escrita.



## **Planificações e Reflexões de Classe de Conjunto**



Conservatório Regional de Setúbal

**Conservatório Regional de Setúbal  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Supervisor**  
Prof. José Raimundo

Estagiária Marta Cepêda

**Professor Cooperante**  
Prof. Raul Avelãs

<b>Data:</b> 24/09/2013		<b>Duração:</b> 90 minutos		<b>Nível:</b> 5ºAno/1ºGrau	
<b>Conceitos</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Objectivos</b>	<b>Actividades</b>	<b>Recursos</b>	<b>Avaliação</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Voz</li> <li>• Corpo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relaxamento;</li> <li>• Postura;</li> <li>• Respiração;</li> <li>• Entoação;</li> <li>• Timbre;</li> <li>• Dicção;</li> <li>• Afinação;</li> <li>• Ritmo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Manter a postural corporal adequada ao canto;</li> <li>• Usar a respiração de forma adequada;</li> <li>• Cantar corretamente os vocalizos;</li> <li>• Reproduzir o ritmo da peça em simultâneo com a letra;</li> <li>• Articular corretamente as palavras;</li> <li>• Entoar de forma correta a melodia com a letra;</li> <li>• Estimular o gosto pelo trabalho em conjunto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realização de exercícios de relaxamento corporal;</li> <li>• Entoação de vocalizos com diferentes sílabas e diferentes padrões melódicos;</li> <li>• Preparação da obra “Presente de Natal para as Crianças” – Lopes Graça;</li> <li>• Entoação do andamento I - “Os Pastores e o Menino”.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Piano</li> <li>• Partitura da peça: “Presente de Natal para as Crianças” – Lopes Graça;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação directa:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>-Participação;</li> <li>-Autonomia;</li> <li>-Cumprimento dos objetivos;</li> <li>-Comportamento;</li> <li>-Atitude;</li> <li>-Execução dos padrões melódicos;</li> <li>-Execução da peça em conjunto.</li> </ul> </li> </ul>

Tabela 9 – Planificação da aula de Classe de Conjunto do dia 24 de Setembro do ano letivo de 2013/2014.

**Conservatório Regional de Setúbal  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Reflexão Crítica**

Classe de Conjunto

**Estagiária:**  
Marta Cepêda

**Supervisor:**  
Prof. José Raimundo  
**Professor Cooperante:**  
Prof. Raul Avelãs

**24 de Setembro de 2013**

Começámos a aula com a realização de exercícios de relaxamento corporal.

Passámos para os exercícios de respiração, seguidos do aquecimento vocal, com entoação de vocalizos com sílabas e diferentes padrões melódicos. Os alunos acharam imensa graça, pois nunca tinham cantado em coro e nunca tinham feito exercícios deste género.

Posteriormente passámos para a leitura do primeiro andamento “Os Pastores e o Menino”, da obra “Presente de Natal para as Crianças” de Lopes Graça. Trabalhámos o andamento em vozes separadas, primeiro sopranos, depois contraltos, passando a juntar de seguida. Este trabalho foi feito frase por frase, em “no no no”. Depois de aprendida a melodia a vozes, foi lido o ritmo em simultâneo com a letra e, no final da aula, a peça foi entoada a vozes e com letra.

Posso concluir que a aula teve bastante rendimento, visto que lemos um andamento pela primeira vez e, no final da aula, já estava bastante bem executado. É preciso ter em conta que estes alunos nunca tinham cantado em conjunto, nem a vozes, fazendo assim um trabalho excelente.



Conservatório Regional de Setúbal

**Conservatório Regional de Setúbal  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Supervisor**  
Prof. José Raimundo

Estagiária Marta Cepêda

**Professor Cooperante**  
Prof. Raul Avelãs

<b>Data:</b> 01/10/2013		<b>Duração:</b> 90 minutos		<b>Nível:</b> 5ºAno/1ºGrau	
<b>Conceitos</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Objectivos</b>	<b>Actividades</b>	<b>Recursos</b>	<b>Avaliação</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Voz</li> <li>• Corpo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relaxamento;</li> <li>• Postura;</li> <li>• Respiração;</li> <li>• Entoação;</li> <li>• Timbre;</li> <li>• Dicção;</li> <li>• Afinação;</li> <li>• Ritmo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Manter a postural corporal adequada ao canto;</li> <li>• Usar a respiração de forma adequada;</li> <li>• Cantar corretamente os vocalizos;</li> <li>• Reproduzir o ritmo da peça em simultâneo com a letra;</li> <li>• Articular corretamente as palavras;</li> <li>• Entoar de forma correta a melodia com a letra;</li> <li>• Estimular o gosto pelo trabalho em conjunto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realização de exercícios de relaxamento corporal;</li> <li>• Entoação de vocalizos com diferentes sílabas e diferentes padrões melódicos;</li> <li>• Preparação da obra: “Presente de Natal para as Crianças” – Lopes Graça;</li> <li>• Revisão do andamento I - “Os Pastores e o Menino”;</li> <li>• Entoação do andamento II - “O Menino da Bandeirinha Vermelha”.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Piano</li> <li>• Partitura da peça: “Presente de Natal para as Crianças” – Lopes Graça;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação directa:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>-Participação;</li> <li>-Autonomia;</li> <li>-Cumprimento dos objetivos;</li> <li>-Comportamento;</li> <li>-Atitude;</li> <li>-Execução dos padrões melódicos;</li> <li>-Execução da peça em conjunto.</li> </ul> </li> </ul>

Tabela 10 – Planificação da aula de Classe de Conjunto do dia 01 de Outubro do ano letivo de 2013/2014.

**Conservatório Regional de Setúbal  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Reflexão Crítica**

Classe de Conjunto

**Estagiária:**  
Marta Cepêda

**Supervisor:**  
Prof. José Raimundo  
**Professor Cooperante:**  
Prof. Raul Avelãs

**1 de Outubro de 2013**

Começámos a aula com a realização de exercícios de relaxamento corporal.

Passámos para os exercícios de respiração, seguidos do aquecimento vocal, com entoação de vocalizos com sílabas e diferentes padrões melódicos.

De seguida, fizemos uma revisão ao andamento aprendido na aula anterior “Os Pastores e o Menino”.

Posteriormente passámos para a leitura do segundo andamento “O Menino da Bandeirinha Vermelha”. Trabalhámos o andamento em vozes separadas, primeiro sopranos, depois contraltos, passando a juntar de seguida. Este trabalho foi feito frase por frase, em “no no no”. Depois de aprendida a melodia a vozes, foi lido o ritmo em simultâneo com a letra e, no final da aula, a peça foi entoada a vozes e com letra.

Apesar das dificuldades do andamento, posso concluir que a aula teve um bom rendimento.



Conservatório Regional de Setúbal

**Conservatório Regional de Setúbal  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Supervisor**  
Prof. José Raimundo

Estagiária Marta Cepêda

**Professor Cooperante**  
Prof. Raul Avelãs

<b>Data: 07/01/2014</b>		<b>Duração: 90 minutos</b>		<b>Nível: 5ºAno/1ºGrau</b>	
<b>Conceitos</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Objectivos</b>	<b>Actividades</b>	<b>Recursos</b>	<b>Avaliação</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Voz</li> <li>• Corpo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relaxamento;</li> <li>• Postura;</li> <li>• Respiração;</li> <li>• Entoação;</li> <li>• Timbre;</li> <li>• Dicção;</li> <li>• Afinação;</li> <li>• Ritmo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Manter a postural corporal adequada ao canto;</li> <li>• Usar a respiração de forma adequada;</li> <li>• Cantar corretamente os vocalizos;</li> <li>• Reproduzir o ritmo da peça em simultâneo com a letra;</li> <li>• Articular corretamente as palavras;</li> <li>• Entoar de forma correta a melodia com a letra;</li> <li>• Estimular o gosto pelo trabalho em conjunto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realização de exercícios de relaxamento corporal;</li> <li>• Entoação de vocalizos com diferentes sílabas e diferentes padrões melódicos;</li> <li>• Entoação da música: “Falando de Amor” – Tom Jobim</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Piano</li> <li>• Partitura</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação directa:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>-Participação;</li> <li>-Autonomia;</li> <li>-Cumprimento dos objetivos;</li> <li>-Comportamento;</li> <li>-Atitude;</li> <li>-Execução dos padrões melódicos;</li> <li>-Execução da peça em conjunto.</li> </ul> </li> </ul>

Tabela 11 – Planificação da aula de Classe de Conjunto do dia 07 de Janeiro do ano letivo de 2013/2014.

**Conservatório Regional de Setúbal  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Reflexão Crítica**

Classe de Conjunto

**Estagiária:**  
Marta Cepêda

**Supervisor:**  
Prof. José Raimundo  
**Professor Cooperante:**  
Prof. Raul Avelãs

**7 de Janeiro de 2014**

Começámos a aula com a realização de exercícios de relaxamento corporal.

Passámos para os exercícios de respiração, seguidos do aquecimento vocal, com entoação de vocalizos com sílabas e diferentes padrões melódicos.

Posteriormente, fizemos a leitura da primeira de algumas canções de Música Popular Brasileira, repertório que vamos fazer este período: “Falando de Amor” do Tom Jobim. Trabalhámos a peça frase por frase, em “no no no”. Depois de aprendida a melodia, foi lido o ritmo em simultâneo com a letra e, no final da aula, a peça foi entoada com letra. Apesar da música ser a uma voz, houve dificuldades, pois ritmicamente e melodicamente são músicas difíceis.

Posso concluir que, apesar da dificuldade, a aula teve bastante rendimento porque os alunos ficaram entusiasmados com a aprendizagem deste repertório.



Conservatório Regional de Setúbal

**Conservatório Regional de Setúbal  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Supervisor**  
Prof. José Raimundo

Estagiária Marta Cepêda

**Professor Cooperante**  
Prof. Raul Avelãs

<b>Data:</b> 14/01/2014		<b>Duração:</b> 90 minutos		<b>Nível:</b> 5ºAno/1ºGrau	
<b>Conceitos</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Objectivos</b>	<b>Actividades</b>	<b>Recursos</b>	<b>Avaliação</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Voz</li> <li>• Corpo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relaxamento;</li> <li>• Postura;</li> <li>• Respiração;</li> <li>• Entoação;</li> <li>• Timbre;</li> <li>• Dicção;</li> <li>• Afinação;</li> <li>• Ritmo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Manter a postural corporal adequada ao canto;</li> <li>• Usar a respiração de forma adequada;</li> <li>• Cantar corretamente os vocalizos;</li> <li>• Reproduzir o ritmo da peça em simultâneo com a letra;</li> <li>• Articular corretamente as palavras;</li> <li>• Entoar de forma correta a melodia com a letra;</li> <li>• Estimular o gosto pelo trabalho em conjunto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realização de exercícios de relaxamento corporal;</li> <li>• Entoação de vocalizos com diferentes sílabas e diferentes padrões melódicos;</li> <li>• Revisão da música “Falando de Amor”;</li> <li>• Entoação da música: “Chega de Saudade” – Tom Jobim.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Piano</li> <li>• Partitura</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação directa:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>-Participação;</li> <li>-Autonomia;</li> <li>-Cumprimento dos objetivos;</li> <li>-Comportamento;</li> <li>-Atitude;</li> <li>-Execução dos padrões melódicos;</li> <li>-Execução da peça em conjunto.</li> </ul> </li> </ul>

Tabela 12 – Planificação da aula de Classe de Conjunto do dia 14 de Janeiro do ano letivo de 2013/2014.

**Conservatório Regional de Setúbal  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Reflexão Crítica**

Classe de Conjunto

**Estagiária:**  
Marta Cepêda

**Supervisor:**  
Prof. José Raimundo  
**Professor Cooperante:**  
Prof. Raul Avelãs

**14 de Janeiro de 2014**

Começámos a aula com a realização de exercícios de relaxamento corporal.

Passámos para os exercícios de respiração, seguidos do aquecimento vocal, com entoação de vocalizos com sílabas e diferentes padrões melódicos.

De seguida, fizemos uma revisão à música aprendida na aula anterior “Falando de Amor”.

Posteriormente iniciámos a leitura da canção: “Chega de Saudade” do Tom Jobim. Trabalhámos a peça frase por frase, em “no no no”. Depois de aprendida a melodia, foi lido o ritmo em simultâneo com a letra e, no final da aula, a peça foi entoada com letra.

É uma peça bastante difícil de se cantar, tanto melodicamente, como ritmicamente.

Posso concluir que, apesar da dificuldade, a aula foi positiva



Conservatório Regional de Setúbal

**Conservatório Regional de Setúbal  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Supervisor**

Prof. José Raimundo

Estagiária Marta Cepêda

**Professor Cooperante**

Prof. Raul Avelãs

<b>Data: 06/05/2014</b>		<b>Duração: 90 minutos</b>		<b>Nível: 5ºAno/1ºGrau</b>	
<b>Conceitos</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Objectivos</b>	<b>Actividades</b>	<b>Recursos</b>	<b>Avaliação</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Voz</li> <li>• Corpo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relaxamento;</li> <li>• Postura;</li> <li>• Respiração;</li> <li>• Entoação;</li> <li>• Timbre;</li> <li>• Dicción;</li> <li>• Afinação;</li> <li>• Ritmo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Manter a postural corporal adequada ao canto;</li> <li>• Usar a respiração de forma adequada;</li> <li>• Cantar corretamente os vocalizos;</li> <li>• Reproduzir o ritmo da peça em simultâneo com a letra;</li> <li>• Articular corretamente as palavras;</li> <li>• Entoar de forma correta a melodia com a letra;</li> <li>• Estimular o gosto pelo trabalho em conjunto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realização de exercícios de relaxamento corporal;</li> <li>• Entoação de vocalizos com diferentes sílabas e diferentes padrões melódicos;</li> <li>• Revisão da música “Águas de Março”;</li> <li>• Entoação da “Ave Maria” de Josquin Des Prez;</li> <li>• Preparação para o concerto de dia 11/05.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Piano</li> <li>• Partituras</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação directa:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>-Participação;</li> <li>-Autonomia;</li> <li>-Cumprimento dos objetivos;</li> <li>-Comportamento;</li> <li>-Atitude;</li> <li>-Execução dos padrões melódicos;</li> <li>-Execução da peça em conjunto.</li> </ul> </li> </ul>

Tabela 13 – Planificação da aula de Classe de Conjunto do dia 06 de Maio do ano letivo de 2013/2014.

**Conservatório Regional de Setúbal  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Reflexão Crítica**

Classe de Conjunto

**Estagiária:**  
Marta Cepêda

**Supervisor:**  
Prof. José Raimundo  
**Professor Cooperante:**  
Prof. Raul Avelãs

**6 de Maio de 2014**

Começámos a aula com a realização de exercícios de relaxamento corporal.

Passámos para os exercícios de respiração, seguidos do aquecimento vocal, com entoação de vocalizos com sílabas e diferentes padrões melódicos.

De seguida, fizemos uma revisão à música aprendida na aula anterior “Águas de Março”.

Posteriormente iniciámos a leitura da peça “Ave Maria” de Josquin Des Prez. Trabalhámos a peça frase por frase, em “no no no”. Depois de aprendida, a duas vozes, foi lido o ritmo em simultâneo com a letra e, no final da aula, a peça foi entoada com letra.

Esta aula serviu de preparação para o concerto de dia 11 de Maio, com o grupo vocal Olisipo.



Conservatório Regional de Setúbal

**Conservatório Regional de Setúbal  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Supervisor**

Prof. José Raimundo

Estagiária Marta Cepêda

**Professor Cooperante**

Prof. Raul Avelãs

<b>Data: 13/05/2014</b>		<b>Duração: 90 minutos</b>		<b>Nível: 5ºAno/1ºGrau</b>	
<b>Conceitos</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Objectivos</b>	<b>Actividades</b>	<b>Recursos</b>	<b>Avaliação</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Voz</li> <li>• Corpo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relaxamento;</li> <li>• Postura;</li> <li>• Respiração;</li> <li>• Entoação;</li> <li>• Timbre;</li> <li>• Dicção;</li> <li>• Afinação;</li> <li>• Ritmo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Manter a postural corporal adequada ao canto;</li> <li>• Usar a respiração de forma adequada;</li> <li>• Cantar corretamente os vocalizos;</li> <li>• Reproduzir o ritmo da peça em simultâneo com a letra;</li> <li>• Articular corretamente as palavras;</li> <li>• Entoar de forma correta a melodia com a letra;</li> <li>• Estimular o gosto pelo trabalho em conjunto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realização de exercícios de relaxamento corporal;</li> <li>• Entoação de vocalizos com diferentes sílabas e diferentes padrões melódicos;</li> <li>• Revisão de todas as músicas dadas no período anterior.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Piano</li> <li>• Partituras</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação directa:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>-Participação;</li> <li>-Autonomia;</li> <li>-Cumprimento dos objetivos;</li> <li>-Comportamento;</li> <li>-Atitude;</li> <li>-Execução dos padrões melódicos;</li> <li>-Execução da peça em conjunto.</li> </ul> </li> </ul>

Tabela 14 – Planificação da aula de Classe de Conjunto do dia 13 de Maio do ano letivo de 2013/2014.

**Conservatório Regional de Setúbal  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Reflexão Crítica**  
Classe de Conjunto

**Estagiária:**  
Marta Cepêda

**Supervisor:**  
Prof. José Raimundo  
**Professor Cooperante:**  
Prof. Raul Avelãs

**13 de Maio de 2014**

Começámos a aula com a realização de exercícios de relaxamento corporal.

Passámos para os exercícios de respiração, seguidos do aquecimento vocal, com entoação de vocalizos com sílabas e diferentes padrões melódicos.

O resto da aula foi dedicado à revisão de todas as músicas que trabalhámos ao longo do segundo período, com o intuito de as relembrar e trabalhar para o concerto de dia 31 de Maio.

### **2.3. Manuais utilizados**

O manual usado ao longo do ano letivo na disciplina de Formação Musical foi o Elements Pratiques Du Rythme Mesure I Solfejo – Fontaine, para trabalho de solfejo. No que diz respeito a leituras rítmicas e melódicas foram distribuídas folhas soltas; Os ditados são da minha autoria. Os lieder foram entregues em folhas soltas, de variados compositores. Em relação à Classe de Conjunto, não foram usados quaisquer manuais, pois foram distribuídas partituras soltas, consoante a aprendizagem de cada peça.

### 3. Reflexão

Chegando a esta fase final, cheguei à conclusão que é uma etapa importante na minha vida académica, pelo facto de nos dar diretrizes, abrir horizontes com experiências vividas por professores que nos orientam e proporcionam as ferramentas necessárias para a entrada ativa no mundo do trabalho, culminando assim a nossa formação superior com a devida profissionalização.

Ao longo do primeiro ciclo de estudos adquirimos a parte teórica e científica associada a momentos práticos na área da Formação Musical, fundamental para a continuidade no segundo ciclo. Contudo, neste último é que vamos dar o grande salto para a função docente, para o ato de ensinar, de partilhar conhecimentos, com os alunos e com os colegas, com experiências vividas.

Com a responsabilidade que nos é dada ao ser atribuída uma turma, vamos entrar num contexto diferente do que tivemos no primeiro ciclo de estudos e no primeiro ano do mestrado. Vamos ter à nossa frente seres em potência, que se desenvolvem e vivem num mundo global; várias etnias, ideologias e personalidades diferentes. Enquanto agente educativo, a minha ação pautou-se por uma educação integral - educar nas várias dimensões inerentes ao desenvolvimento humano, pessoal, social e intelectual. O aluno é um todo e não podemos olhar para ele unicamente como um adquirente de conhecimentos, antes vê-lo como alguém que se está a tornar socialmente capaz de ser um bom cidadão, culto e com competências intelectuais para o projetar futuramente para o mundo do trabalho, como connosco fizeram.

Na planificação das aulas, encontrei o meio eficaz para desenvolver a componente letiva com segurança e rigor, proporcionando aos intervenientes aulas interessantes, dinâmicas e participativas.

Na avaliação diagnóstica, percebi o nível em que se encontravam os meus alunos e procurei desenhar um currículo que se adaptasse aos seus conhecimentos e dificuldades, assente no currículo formal que recebi na primeira reunião de grupo que tivemos. Depois de se transmitirem conteúdos, serem trabalhados e avaliados por aula, tive que arranjar estratégias para melhorar a aquisição dos conhecimentos. No final de cada conteúdo era feita a avaliação sumativa, cujo somatório das avaliações observadas durante as aulas com os respetivos testes, davam a nota final, precedida pela autoavaliação feita na última aula do período. Procurei estar sempre atenta à progressão dos meus alunos e aos que revelavam alguma dificuldade na aquisição dos conteúdos ou com menos interesse. Sempre me esforcei para que todos estivessem motivados e acompanhassem o ritmo de aprendizagem.

O método de ensino ministrado esteve sempre de acordo com as normas que nos foram apresentadas na componente teórica, sempre recetiva à adaptação e à mudança de estratégias e métodos curriculares, pois na diversidade e abertura se conseguem resultados satisfatórios.

Com a comunidade escolar houve sempre uma relação de excelência em

termos humanos e profissionais. Desde os colegas, ao pessoal discente, os princípios e valores nortearam a minha relação com todos. Com os alunos em geral, e essencialmente em particular com os que me foram atribuídos, a relação afetiva que nos ligou permitiu que em termos cognitivos os resultados fossem excelentes.

Nada disto teria sido eficaz e bem-sucedido sem o apoio dos professores, orientadores da ESART e do Conservatório Regional de Setúbal, que numa conjugação de esforços me auxiliaram, incentivaram e contribuíram para o término da minha formação.

A mim e aos colegas de curso resta-nos doravante trabalho na área da Formação Musical e Classe de Conjunto, para assim darmos continuidade ao que adquirimos nestes dois anos do segundo ciclo de estudos.





## **Parte II**

---

### **Projeto de Investigação**

*A Aprendizagem Musical no Desenvolvimento Pessoal e Social de Uma Jovem com Síndrome de Down*



## Capítulo I - Introdução

### O meu caso com a Maria

A Maria Alba é uma menina que tive o privilégio de conhecer, portadora de Síndrome de Down ou Trissomia 21. Aos treze anos teve uma forte vontade de aprender a tocar violino, dando entrada numa escola onde lecionei em regime *part-time*, fazendo parte do meu grupo de alunos. Confesso que ao ser-me dado o horário desta menina “especial”, fiquei receosa dada a minha inexperiência. Ainda estudante, pois estava a frequentar o meu segundo ano universitário, recorri a algumas horas no ensino da música para ajudar nas minhas despesas, iniciando desta forma o meu percurso como professora, isto com apenas dezanove anos.

Nunca tinha lidado com este tipo de crianças, quer na minha infância ou juventude, mas sempre que alguma se cruzava comigo achava-a interessante pelas suas reações de dupla personalidade, ora demasiadas carinhosas com quem as acompanhava, ora amuadas quando contrariadas, mas esta observação era feita em breves instantes.

Confesso que fiquei deveras assustada! Não podia ter qualquer reação de rejeição por motivos óbvios, primeiro porque estava a iniciar o meu trabalho, segundo porque o modelo de ensino vigente é integrador, onde a criança com deficiência tem o seu lugar, aprende no seu próprio ritmo e pondo-me no papel daquela família que lhe queria dar novas oportunidades, só tinha que aceitar o desafio.

O apoio incondicional da mãe foi a maior força motriz deste desafio. Atenta, sempre presente, carinhosa, ajudou-me imenso ao dar-me características da personalidade da Maria, bem-disposta, amorosa, com gosto por cantar e dançar, mas também teimosa. Ao longo dos meses que partilhamos as nossas experiências, pude, de facto, vivenciar este carácter peculiar desta criança “excepcional”.

A Maria umas vezes aparecia alegre, ativa, com um dinamismo que facilitava o ensino e a aprendizagem, outras vezes não lhe apetecia fazer nada e gostava de conversar e partilhar a sua vida pessoal. Como eu estava ali para cumprir a minha obrigação que era ensinar a Maria a tocar violino e tinha que justificar no final do mês o pagamento que me era feito, ficava preocupada sempre que ela rejeitava o trabalho que lhe propunha e insistia, o que a levava a amuar. Completamente desprovida de concentração em certos dias, abandonava o violino, passava para o piano ou sentava-se sem qualquer predisposição para trabalhar. Quanto mais insistisse menos a Maria fazia, logo menos objetivos conseguiria se houvesse uma rejeição absoluta da Maria.

Mudei a estratégia! Reparava que a Maria sentia uma admiração por mim enquanto mulher, que olhava para a minha forma de vestir, comentava o meu cabelo, os meus adereços. Como ela era também uma mulher em desenvolvimento, pois estava a passar pelo período da adolescência, comecei a conversar com ela e a

adaptar-me à sua realidade, estabelecendo a empatia necessária para acompanhar o processo da aprendizagem do violino.

Nesta mudança de atitude da minha parte, dá-se também uma reviravolta nas preferências da Maria Alba. Estava sempre ansiosa para que o sábado chegasse para ter novamente a aula de violino e quando chegava irradiava uma felicidade que se tornou contagiante, pois este sentimento passou a ser recíproco, ao ponto da Maria começar a partilhar comigo a sua vida pessoal, familiar, íntima; isto é, começou-me a falar da sua paixão pelo seu amado. Chegadas a esta fase, verifiquei que não tive que mudar a Maria, antes mudar-me a mim, de forma a garantir uma boa relação para conseguir êxito nas aprendizagens.

As mutações passaram a ser notórias. Começou a interagir com os colegas, e comigo, deixando de ter aqueles arrufos. Houve uma situação em que a mãe e a Maria me deram boleia para o comboio e íamos as três a cantar músicas do 'Netinho' no carro. Senti da parte da Maria a necessidade, e ao mesmo tempo felicidade e orgulho, em mostrar que sabia perfeitamente as músicas e as letras todas.

Com estímulo e reforço positivo a Maria ia adquirindo novas competências; quando sentia dificuldades nem se revoltava nem desistia mas, pelo contrário, estava atenta aos meus ensinamentos e fazia por pô-los em prática. Nesta minha mudança de atitude, as competências básicas para o processo ensino/aprendizagem tomaram outro rumo: a Maria valorizou o que ouvia, aceitou os pontos de vista que lhe apresentava, começou a gerir e a controlar os conflitos existenciais e ambas atingimos objetivos comuns, o nosso sucesso pedagógico e pessoal. Pretendi não diferenciar a Maria pela sua condição, nem a encarar como uma pessoa diferente, ajustando a planificação de forma a favorecer a motivação, o ensino e a aprendizagem.

Com a dinâmica que criei, dedicação, persistência e amor, entre graças e conversas, ensinamentos e trabalho, a Maria Alba teve os seus progressos visíveis, pois no final do ano letivo para o concerto de encerramento, apresentou-se, como todos os outros colegas, sendo gratificante aos meus ouvidos a forma como foi aplaudida. A mãe, muito feliz, procurou-me no final e confessou nunca pensar que a sua filha conseguisse atingir aquele nível de prática instrumental e que o ano tinha sido muito benéfico para a Maria nas vertentes pessoais, pedagógicas e relacionais.

Fiquei comovida e orgulhosa. A minha formação académica não tinha contemplado qualquer unidade curricular ligada à música para crianças com capacidades "excepcionais", sendo que desta forma a experiência com a Maria foi bastante importante no meu desenvolvimento pessoal e profissional.

A Maria Alba ensinou-me a juntar às sete notas musicais uma oitava, talvez a fundamental para o seu sucesso, a nota Amor!

## 1.1 Delimitação e problemática de investigação

O texto anterior relata a minha experiência com a Maria, experiência essa que foi o ponto de partida para a elaboração deste trabalho. De imediato falarei da delimitação e problemática de investigação.

Os artigos científicos mais antigos sobre a Síndrome de Down têm origem no século XIX, (Schwartzman, 2003 apud MASTROIANNI [et al.], s.d.). O médico inglês John Langdon Down (1864) usou, inicialmente, o termo “mongolismo” para se referir a esta síndrome, tal como refere Isabel Rodrigues (2004). Em 1959, foi descoberta, de forma independente, por Jerome Lejeune e Patricia Jacobs, que a SD resulta de um distúrbio da divisão do cromossoma 21, como é relatado por Leshin (2003).

O desenvolvimento destas crianças é bastante mais lento do que um bebé normal. Posteriormente, quando a criança com Síndrome de Down está mais independente e consegue comunicar, pode ser integrada numa escola.

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa, primeiramente bibliográfica sobre o tema e, posteriormente, de uma apresentação de um estudo exploratório de uma criança portadora de Síndrome de Down ou Trissomia 21, a quem tive o prazer de dar aulas de violino. Esta pesquisa parte do meu relato acima referido e conta com três entrevistas feitas à mãe, ao pai e à atual professora de violino.

O ano em que dei aulas à Maria despertou em mim um grande interesse em crianças com Síndrome de Down, bem como uma imensa curiosidade em perceber qual a importância e o efeito que a música pode ter na vida destas crianças. Tentando perceber de que forma a música pode ajudar no desenvolvimento cognitivo e social dos portadores desta síndrome, levantaram-se algumas questões que procurei aclarar neste trabalho, tais como: - Qual a importância que a aprendizagem do violino teve na vida da Maria?; - O nível de motivação demonstrado inicialmente mantém-se?; - O meu trabalho trouxe frutos posteriores em relação à aprendizagem da música e ao desenvolvimento desta criança?

Partindo da contextualização e dos pressupostos atrás explicitados, esta investigação centra-se em analisar a importância da música no desenvolvimento cognitivo e social numa jovem com Síndrome de Down.

É pertinente referir que, apesar do cérebro humano estar dividido em áreas específicas, este funciona como um todo. Estimulando uma área mais singular, como a memória, o raciocínio espacial, etc. há a possibilidade de afetar toda a função cerebral. Assim sendo, a estimulação de uma criança com SD torna-se essencial para o seu desenvolvimento. Tal como exemplifica Augusto (2011), as estimulações auditivas têm o objetivo de, por exemplo, fazer a criança virar a cabeça para o lado de onde se origina o som. Assim, com a introdução de sons distintos, pode-se exercitar a sua atenção, deixando, ao mesmo tempo que possa escolher, reproduzir e repetir alguns destes sons. À medida que a criança possa comunicar, poderá integrar num

grupo onde a presença de crianças saudáveis seja um grande benefício para o seu desenvolvimento.

A música é utilizada como ferramenta para criar mudanças positivas de comportamento da criança com NEE, ajudando a atingir o seu maior potencial, podendo desta forma aumentar o desenvolvimento em áreas como as habilidades motoras, emocionais, cognitivas. (*CiênciaHoje*, 2013)

A delimitação da área temática na qual se situa o trabalho de investigação, centra-se essencialmente nos impactos da música como contributo para o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e motoras da jovem com SD.

Na presente investigação, o trabalho de análise do objeto de estudo teve por base fundamentos teóricos, através de leituras prévias e pela reflexão das práticas em termos de música.

Deste modo, propôs-se como objetivo geral a análise dos **percursos na música de uma jovem com Síndrome de Down**.

Como **objetivos específicos** foram definidos os seguintes:

- ✚ Caracterizar globalmente a jovem com síndrome de Down;
- ✚ Caracterizar a importância da música na vida da jovem com síndrome de Down;
- ✚ Caracterizar a relação da jovem com síndrome de Down com a aprendizagem do violino;
- ✚ Caracterizar o papel desempenhado pela escola e pelos professores na relação com a música da jovem com síndrome de Down;
- ✚ Caracterizar o papel desempenhado pela família na relação com a música da jovem com síndrome de Down.

## 1.2 Estrutura do Relatório

O relatório está dividido em cinco capítulos.

Neste primeiro capítulo foi exposto o tema, contendo um relato próprio como introdução do trabalho. Seguidamente é apresentada a delimitação e problemática da investigação.

O segundo capítulo inclui o enquadramento teórico sobre o tema da Síndrome de Down em crianças e o seu processo de estimulação. Identifica a importância da música na vida destas crianças e de que forma poderá servir de auxílio para o seu desenvolvimento cognitivo, social e físico. São ainda abordados os processos de estimulação e o papel desempenhado pela escola e pelos professores relativamente à criança com SD.

No terceiro capítulo é descrita a metodologia utilizada para a recolha, análise e

tratamento de dados durante esta investigação, com vista a atingir os objetivos propostos.

O quarto capítulo analisa os dados recolhidos através de entrevistas efetuadas à mãe da jovem, ao pai e à atual professora de violino, dando resposta aos objetivos da investigação.

Por último, no quinto capítulo serão abordadas as considerações finais e possíveis contributos deste trabalho.

## Capítulo II - A Síndrome de Down e a Música

### 2.1 Síndrome de Down, contextualização e conceitos

Segundo Leshin (2003), “A síndrome de Down surge pela primeira vez, fundamentada em 1866, através do físico John Langdon Down, na publicação de um artigo em Inglaterra, em que descreve as semelhanças fisionómicas entre as crianças com atraso mental”.

John Langdon Down utilizou a expressão “*Mongolismo*” para fundamentar que estas crianças se pareciam com os habitantes da Mongólia. Tendo em atenção a esta expressão, foi considerada de pouco uso científico e, mais tarde, nos anos 1970, através de uma revisão americana, substituiu este termo para síndrome de Down, por ser considerado pejorativo, como refere Isabel Rodrigues (2004).

A Síndrome de Down, ou trissomia 21, é uma alteração genética causada por um erro na divisão celular durante a divisão embrionária. Os portadores da síndrome, em vez de dois cromossomas no par 21, possuem três, tal como explica Varella (2011).

Silva & Kleinhans (2006) ressaltam que cada criança com síndrome de Down irá desenvolver-se de forma particular. Bissoto (2005) observa que embora as crianças com síndrome de Down apresentem algumas características específicas de desenvolvimento, não se constitui numa uniformidade de comportamentos e potencialidades.

Assim sendo, o desenvolvimento das crianças com síndrome de Down é consequente de alguns fatores como as influências sociais, culturais, genéticas, a estimulação precoce e pelas expectativas dos familiares em relação às potencialidades das crianças com SD (Bissoto, 2005).

É importante ressaltar que a criança com SD apresenta uma herança genética dos seus familiares, tendo parecenças com os mesmos, tanto no aspeto físico como em relação à sua personalidade. Já no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, o atraso mental é focado como o principal fator no atraso do desenvolvimento das crianças com SD (Schwartzman, 2003).

Lara, Trindade & Nembr (2007) realizaram um estudo de investigação com o intuito de avaliar o desempenho de 40 indivíduos com SD em testes de consciência fonológica. Os autores salientaram que existe comprometimento de memória a curto prazo como um dos principais responsáveis pelo atraso cognitivo e desenvolvimento da linguagem. Segundo os autores, este tipo de memória é fundamental na aprendizagem da linguagem e está associada de forma direta ao desenvolvimento lexical e repertório de palavras. Salienta-se, então, que os resultados do estudo sugerem que as instruções que forem acompanhadas de gestos e figuras, podem auxiliar nas dificuldades da criança com SD.

Em relação ao desenvolvimento físico, pode-se referir que o desenvolvimento físico e motor das crianças com SD após o nascimento, passa pelas mesmas fases de

desenvolvimento das outras crianças, apesar de ser com um ritmo mais lento (Schwartzman, 2003; Meegan [et al.], 2006).

De forma complementar, Meegan [et al.] (2006) basearam-se na premissa de que as crianças com SD obtêm um melhor desempenho quando realizam as tarefas motoras se estas forem associadas a instruções visuais.

## 2.2 O processo de estimulação da criança com Síndrome de Down

A estimulação da criança é, segundo Shadish, Cook & Campbell (2002), uma estimulação essencial. Uma intervenção precoce no desenvolvimento da criança pode representar uma terapia importante para seu progresso pessoal.

É de salientar que a participação e intervenção precoces podem melhorar o desenvolvimento da criança com SD, atingindo um funcionamento intelectual e adaptativo máximo. Alguns pesquisadores reconhecem a presença de um declínio progressivo na taxa de desenvolvimento de crianças com SD, e referem que a participação e intervenção precoce podem diminuir esse declínio. Os primeiros estudos de crianças com SD alegaram efeitos positivos da intervenção precoce (Guralnick & Bricker, 1987).

O papel central das primeiras experiências com crianças com SD, enfatizou a importância de iniciar na criança um conjunto de experiências e expectativas que irão otimizar a participação da criança em atividades e relações com a comunidade (Buckley, Bird & Sacks, 2002).

*Responsive Teaching*, segundo Mahoney & MacDonald (2007) apud Karaaslan & Kaya (2009), representa uma intervenção precoce no desenvolvimento da criança, o qual foi concebido para ser implementado por pais e professores, que interagem com a criança com NEE. Esta intervenção incentiva as crianças a desenvolver e utilizar os comportamentos cruciais, que representam o desenvolvimento e bem-estar das crianças, tais como o jogo social, iniciação, resolução de problemas, atenção conjunta, conversa, confiança, cooperação, persistência.

Este tipo de intervenção promove três domínios de funcionamento de desenvolvimento, tais como:

- ✚ Cognição, qual a capacidade das crianças para pensar, raciocinar, resolver problemas e aprender novas informações sobre o seu mundo
- ✚ Comunicação, qual a capacidade das crianças na transmissão dos seus sentimentos, observações e intenções de resposta.

- ✚ Funcionamento social e emocional, qual a capacidade das crianças na participação em interações que sejam adequadas ao seu desenvolvimento com os pares e, principalmente, no cumprimento de regras.

Ocorreram duas mudanças importantes desde a década de 1960 que tiveram como consequência uma influência de atitudes, tratamento e expectativas para as crianças com síndrome de Down, com importantes implicações no que se refere à natureza da intervenção precoce.

As melhorias na assistência médica tiveram consequências significativas, aumentando a expectativa de vida de indivíduos com síndrome de Down (Strauss & Eyman, 1996).

Alguns estudos recentes demonstraram que os programas de intervenção de sucesso estão relacionados com o tratamento de crianças com síndrome de Down situados na família, em vez de casos isolados de reabilitação. Deste modo, segundo Hodapp, DesJardin & Ricci (2003), a qualidade do ambiente de prestação de cuidados influencia o desenvolvimento da criança. As estratégias de intervenção alteram-se conforme o ambiente, para que a criança receba as melhores oportunidades de aprendizagem e crescimento.

Qualquer programa que incida sobre uma criança com síndrome de Down sozinha, que não tenha em conta o seu ambiente, tem geralmente pouco efeito (Huang [et al.], 2002). A longo prazo as relações humanas positivas e os ambientes saudáveis para as crianças são determinantes para o desenvolvimento normal.

Uma forma alternativa de conceituar o papel especial das primeiras experiências para crianças com síndrome de Down enfatiza a importância de iniciar com a criança um conjunto de experiências e expectativas que irão otimizar a inclusão e participação em atividades e relações com a comunidade. Este ponto de vista pode ser visto no compromisso com algumas famílias, as quais têm demonstrado que criar uma situação de vida normal para o seu filho com síndrome de Down, de acordo com uma visão da infância como um "período sensível" para determinar o tipo geral de vida (Hodapp, DesJardin & Ricci, 2003).

## 2.3 Papel desempenhado pela escola e pelos professores na criança com Síndrome de Down.

Como já foi referido anteriormente, o cérebro tem o seu funcionamento como um todo. Desta forma, se estimular uma área específica, afetará toda a função cerebral e, por isso mesmo, é importante a estimulação de uma criança portadora da SD.

Segundo Coriat (1967, apud Lefèvre, 1981) é fundamental estar atento aos movimentos repetitivos da criança e, a partir desta observação, as intervenções devem ser efetuadas.

Segundo o ME estas crianças têm igualdade de oportunidades no desenvolvimento de aprendizagens e o objetivo das políticas educativas prevê que as escolas devam permitir a consagração de medidas de ação positivas de adequação das crianças com NEE, segundo uma política de inclusão.

Esta política garante, por si só, condições de igualdade de direitos sociais em todas as dimensões, permitindo que os alunos possam aprender em contexto educativo com outras crianças. Deste modo, as escolas procedem de forma permanente a mudança do seu sistema de ensino para se adaptar às estruturas físicas e programáticas destes alunos com NEE.

A prática de ensino é vista na perspetiva dos professores como promotora de inclusão, segundo dois contextos: um relativo à sala de aula, onde são inseridos os alunos com dificuldades de aprendizagem - o próprio respeito pela diferença e a promoção da integração -, e outro relativo às práticas do ensino-aprendizagem, onde se destacam as referências a uma aprendizagem social e a própria adaptação das aulas aos grupos de alunos. Pinheiro (2014) defende que:

*“A avaliação dos alunos com necessidades especiais de aprendizagem deve envolver uma equipa multidisciplinar constituída pelos professores, técnicos especializados e agentes comunitários, onde serão utilizados métodos e instrumentos, com uma linguagem técnica adaptada a todos, de forma a melhorar o diagnóstico e a intervenção, com o fim de planificar e organizar planos individualizados e programas de intervenção para cada aluno. Isto porque deve haver uma relação contínua entre a família, comunidade e escola. A formação das famílias sobre as características dos alunos é importante na compreensão das diferenças destes, de forma a identificar as suas dificuldades.”*

O clima da sala de aula é descrito segundo Schimidt e Cagran (2008), como um sistema que abrange quatro tipos de variáveis: o envolvimento físico, os objetivos organizacionais, características dos professores e alunos. É visto também como um dos mais importantes mediadores de valores, crenças e padrões num contexto normativo. A maior parte da investigação sobre este tema afirma que os alunos precisam de sentir que a escola é para eles, independentemente da sua condição e necessidade.

Algumas crianças que apresentam necessidades especiais de educação têm problemas graves de socialização, tais como o isolamento, estabelecimento de

amizades e solidão, tendo o professor uma atitude importante na relação de estabilização destas.

Blanco (2005) explica que “a perspectiva da inclusão significa avançar para um único sistema educacional que seja mais diversificado, superando a atual separação entre programas e modalidades diferenciados, orientados a diferentes grupos.”

Loris Malaguzzi disse:

*“... A escola deve basear-se na ideia não de que todas as crianças são iguais, mas sim de que todas as crianças são diferentes...”*

A escola dos dias de hoje acolhe uma grande diversidade de crianças e, como o autor anuncia, conceber um currículo único é uma tarefa difícil. Deve, no entanto, ser encarada como um princípio de enriquecimento, como consequência de concretização de estratégias de diferenciação curricular.

Para Porter (1999), o professor não deve reger-se pelo cumprimento rígido da rotina, mas sim adaptar uma atitude flexível, sendo de certa forma criativo e estando apto para a imprevisibilidade existente, para melhorar a aprendizagem, tendo em conta a diversidade dos alunos.

Em relação ao espaço da sala de aula, a opinião de Pinto e Morgado (2012) é importante, pois para este autor a disposição da sala de aula, numa perspectiva de escola inclusiva deve ser agradável e confortável, funcional e facilitadora, nunca esquecendo as tarefas da turma. Segundo estes autores, a adesão positiva dos alunos associa-se à envolvimento da gestão e organização do espaço da sala de aula, tornando-se mais significativa e afetiva.

Outra das características importantes associa-se à da importância do trabalho em grupo e em equipa, como necessidade atual.

Anteriormente, o ensino com crianças com síndrome de Down era feito de forma bem distinta, os docentes da educação especial tentavam dar resposta a estes alunos, retirando-os da sala de aula, para lhes ser administrado o ensino individual, considerando-o como o mais adequado. Este ensino era denominado de “aulas de apoio”. Ficou concluído, através de experiências reais educativas, que se trata de uma solução frustrante para o aluno que se sente inferior ao sair da sala de aula, achando-se diferente perante os outros.

Assim, se todas as crianças são capazes de crescer e aprender juntas, a criança com síndrome de Down tem a capacidade e oportunidade ideal para poder atingir o seu potencial, fazer amigos e tornar-se integrada na sociedade. Por outro lado, as outras crianças têm igualmente a oportunidade de aprender e compreender os efeitos da deficiência e aprender a cuidar de crianças com necessidades especiais como a síndrome de Down.

Cabe às escolas reconhecer que o desenvolvimento social deve ser uma parte explícita do currículo, dando assim às crianças a oportunidade de pensar sobre amizade, solidão e isolamento social

Não existem problemas de comportamento que sejam exclusivos para as crianças com síndrome de Down. Grande parte do comportamento está relacionada com o seu nível de desenvolvimento. Neste contexto, o professor deve utilizar instruções claras e curtas, acompanhadas de linguagem corporal clara. Deve distinguir o que “pode fazer” e o que “não pode fazer”.

O *Responsive Teaching*, já mencionado atrás, representa um currículo de intervenção precoce do desenvolvimento da criança. Foi concebido para ser implementado pelos pais e profissionais de saúde que interagem com crianças com síndrome de Down (Mahoney & MacDonald, 2007 apud Karaaslan & Kaya, 2009). Este programa foi desenvolvido no sentido de ajudar os adultos a poderem maximizar o potencial de cada atividade de rotina com os seus filhos, com a finalidade de melhorarem o desenvolvimento das crianças. Este currículo incentiva as crianças a desenvolver e utilizar os "comportamentos fundamentais" que são as bases para a aprendizagem de desenvolvimento, tais como os jogos, resolução de problemas, atenção conjunta, conversa, confiança, cooperação, persistência e sentimentos de competência.

Este caso particular em que incide a investigação, foi vivido no ensino especializado de música, onde os estudantes são sujeitos a um processo de ensino/aprendizagem individualizado. Se por um lado não se levantam questões relacionadas com a integração e a interação em grupos de turma, levantam-se questões sobre motivação, aprendizagem e relação pedagógica particulares.

O capítulo seguinte descreve uma pequena investigação sobre a relação com a aprendizagem musical de uma jovem com Síndrome de Down, em contexto de ensino especializado de música.

## Capítulo III - Metodologia

### 3. Metodologia

#### 3.1. Introdução e Finalidades

Neste capítulo irão ser descritos os procedimentos desenvolvidos para a realização das diferentes fases da presente investigação.

O desígnio de estudo a que nos propomos investigar visa a análise da perceção dos pais e de uma professora, em relação às crianças com Síndrome de Down e à eficácia da música no seu desenvolvimento: um estudo de caso.

As crianças com Síndrome de Down podem apresentar perturbações em três domínios diferentes: domínio social; domínio da linguagem e comunicação; domínio do pensamento e comportamento.

Este estudo tem bastante relevância na medida em que contribui para um enriquecimento académico acerca desta temática, mas também visa verificar qual é a perceção dos pais e da professora da criança, de forma a apurar se há concordância na existência de benefícios e contributos com a prática da música.

#### 3.2. Objetivos de investigação

Com o objectivo geral de analisar os percursos na música de uma jovem com SD, foram estabelecidos os seguintes objectivos de investigação:

- A. Caracterizar globalmente a jovem com síndrome de Down.
- B. Caracterizar a importância da música na vida da jovem com síndrome de Down.
- C. Caracterizar a relação da jovem com síndrome de Down com a aprendizagem do violino.
- D. Caracterizar o papel desempenhado pela escola e pelos professores na relação com a música da jovem com síndrome de Down.
- E. Caracterizar o papel desempenhado pela família na relação com a música da jovem com síndrome de Down.

### 3.3. Metodologia utilizada

A presente pesquisa, pela qualidade premente do tema, pela realidade sistémica das diversas conexões existentes na Psicopedagogia e pela natureza híbrida do seu fito, apenas poderá ser objeto de uma análise necessariamente multidisciplinar. A criança com Síndrome de Down, mote central deste trabalho de pesquisa, é focada essencialmente no papel da música e na percepção e opinião dos pais e professoras face à prática de música por crianças com esta doença.

O estudo de caso pode envolver somente um, variados casos, bem com diversos níveis de análise. Habitualmente são conciliados métodos de colheita de dados como arquivos, entrevistas, questionários e observações. A demonstração pode ser qualitativa (palavras) ou quantitativa (números), podendo recorrer-se ao estudo do caso com diferentes objetivos: fornecer uma descrição; testar uma teoria; gerar uma teoria (Eisenhardt, 1989). Segue-se a abordagem proposta que passa pelo levantamento *bibliográfico*, e posteriormente pelo recurso às técnicas de observação e entrevistas.

A investigação científica é assim, um processo sistemático e rigoroso que conduz à aquisição de novos conhecimentos.

O paradigma de investigação qualitativa, surgiu pela necessidade de se conhecer e estudar fenómenos humanos, que não era possível medir quantitativamente. Foi através desta incapacidade de medir por métodos quantitativos estes fenómenos, que se aceitaram as abordagens qualitativas como outra forma de produzir conhecimento. A utilização de métodos qualitativos para estudar fenómenos humanos está diretamente relacionada com as ciências sociais.

### 3.4. Estudo de Caso

O estudo de caso incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que depois se venha assemelhar com outro tipo de situações.

Para Bogdan e Biklen (1994), a utilização qualitativa de um estudo de caso utiliza principalmente metodologias que permitam criar dados descritivos, possibilitando ao investigador observar o modo e a forma de apresentar um determinado projeto. Ainda segundo estes autores, nos métodos qualitativos o investigador deve estar envolvido no campo de ação.

O estudo de caso caracteriza-se fundamentalmente pelo seu carácter descritivo, incitador e de cariz particular, (Merriam, 1988), já que é uma investigação empírica que procura algo exclusivo e absoluto dentro do contexto da vida real, ainda que se evidenciem semelhanças com outros casos (Ludke e André; 1986).

“Ao escolher o ‘caso’, o investigador estabelece um fio condutor de forma lógica e racional que irá guiar todo o processo de investigação.” (Creswell, 1994 apud ARAÚJO [et. al], 2008).

Sendo um estudo de caso algo tão específico e único, não são estudados casos para a compreensão de outros casos.

Os dados recolhidos devem utilizar diversos meios como as observações diretas e indiretas, entrevistas, questionários, registos de áudio e vídeo. Deve ser analisada uma ou mais entidades, não devem ser utilizadas formas experimentais de controlo ou manipulação. Os resultados dependem do poder de integração do investigador.

Para Hamel (1993, apud ARAÚJO [et al], 2008), o estudo de caso deve incluir a demonstração de conhecimentos por parte do investigador, e a linguagem deve ser irreduzível, de forma a facilitar a compreensão por parte dos leitores.

Existem, sem dúvida, diversos casos de estudo e com diversos objetivos.

Yin (s.d.), propôs quatro aplicações do método de estudo de caso:

- Para poder descrever o contexto da vida real no qual a intervenção do estudo ocorreu;
- Para explicar ligações casuais existentes nas intervenções na vida real, que por si só são bastante complexas para serem abordadas pelos “surveys”, ou mesmo pelas estratégias experimentais;
- Para fazer uma avaliação da intervenção realizada;
- Para poder explorar situações onde as intervenções formadas e avaliadas não possuam resultados claros.

Ainda para o autor acima referido, o estudo de caso deve sempre tentar desenvolver um plano de pesquisa onde sejam considerados as críticas. Planear a utilização da técnica de código qualitativo para traços e fatores individuais, já que se trata de um estudo onde é retratado um só sujeito. É um estudo que deve evitar narrativas longas e relatórios extensos, que levam ao desencorajamento da leitura e análise.

Não sendo possível catalogar este trabalho unicamente como sendo um estudo de caso, foi realizado um estudo exploratório que não pretende negar ou afirmar hipóteses, mas “*proceder ao reconhecimento de uma dada realidade pouco ou deficientemente estudada e levantar hipóteses de entendimento dessa mesma realidade*” conforme afirmou Seltiz Jahoda, Deutch e Cook (1967), citados por Carmo e Ferreira (1998; p.47), utilizando uma metodologia qualitativa na identificação, análise e avaliação da viabilidade na resolução de vários problemas e dificuldades que diversas organizações e instituições apresentam. É um estudo exploratório analisado por uma multiplicidade de olhares. Eu sou a primeira fonte, recorrendo a um relato pessoal

sobre a experiência pedagógica vivida com a Maria. Este relato será cruzado com entrevistas à mãe, ao pai e à atual professora de música da Maria.

### **3.5. Amostra (Caracterização)**

Decidi não recorrer a uma entrevista da Maria pela possível incapacidade de afastamento pessoal e pela impossibilidade de obtenção de um depoimento claro e isento de sentimentos/fantasias. Assim sendo, nesta investigação, a amostra são os pais e professora de violino da criança com SD, recorrendo também a um relato próprio. A amostra de sujeitos não segue um critério de uma amostra representativa, necessária para a generalização dos resultados do estudo. Trata-se de uma amostra de conveniência, com um pequeno número de sujeitos.

### **3.6. Técnicas de recolha de dados**

Os autores Bogdan e Biklen (1994), referem que “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo.”.

“De acordo com os autores (Gaskell, 2005; Ghiglione e Matalon, 1992), as entrevistas podem ser mais ou menos estruturadas consoante os objetivos do trabalho de investigação. Assim, existem entrevistas estruturadas, semiestruturadas e não estruturadas” (Oliveira, 2014)

No caso do presente estudo, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas. Estas entrevistas têm como suporte um guião orientador e, tal como refere Gaskell (2005, apud OLIVEIRA, 2014) “não deve ser seguido à risca como se o sucesso da investigação estivesse dependente dele”. Este método permite-nos conduzir a entrevista de forma livre e dá aos intervenientes a flexibilidade de adaptar o tipo de discurso, assim como a ordem das questões. Deste modo, conseguimos resultados menos rígidos e respostas mais pessoais, permitindo manter um ambiente natural de conversa.

Segundo Bogdan e Biklen, (1994) com as entrevistas semiestruturadas “fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários sujeitos”.

Embora a entrevista seja uma técnica que dá a conhecer a perspectiva dos entrevistados, existem fatores que a condicionam como: a cultura das pessoas; a empatia que se estabelece entre entrevistador/entrevistado; os objetivos; o meio e o tempo/disponibilidade do entrevistador e entrevistado.

Torna-se indispensável existirem alguns cuidados a ter durante a entrevista. Esses cuidados prendem-se com o respeito que todos os entrevistados devem merecer ao entrevistador. Este último deve ao longo do seu desempenho identificar-se com a sua função e *descolar-se* da sua identidade, não exprimindo as suas opiniões.

As entrevistas foram elaboradas a partir dos objetivos específicos estabelecidos, que funcionaram como cinco grandes blocos organizadores, como pode ser observado nas tabelas 15 e 16. Apesar de manterem a mesma estrutura organizativa, as entrevistas aos pais e à professora apresentaram algumas diferenças, de acordo com o conhecimento específico sobre a Maria.

Tabela 15 - ENTREVISTA SEMI-ESTUTURADA À MÃE E AO PAI

BLOCOS	OBJETIVOS	QUESTÕES
Legitimação da entrevista	Explicar o tema e objetivos da investigação. Explicar o âmbito e utilização dos dados da entrevista. Pedir autorização para gravar.	
A. Caracterizar globalmente a jovem com síndrome de Down.	Caracterizar a Maria em termos físicos, cognitivos e sociais.	Como caracteriza a Maria em termos físicos?  Como caracteriza a Maria em termos cognitivos?  Como caracteriza a Maria em termos sociais/relacionais?
B. Caracterizar a importância da música na vida da jovem com síndrome de Down.	Perceber de que maneira a música faz parte do dia-a-dia da Maria, de forma espontânea ou por orientação familiar.  Identificar eventuais benefícios que a aprendizagem da música tem tido na Maria, em termos físicos, cognitivos ou relacionais.	Qual a importância que a música em geral tem na vida da Maria?  Que atividades musicais (ouvir, cantar, tocar, dançar...) a Maria faz no seu dia-a-dia de forma espontânea ou com a família?
C. Caracterizar a relação da jovem com síndrome de Down com a aprendizagem do violino.	Compreender os fatores motivacionais e de persistência no estudo do violino.  Conhecer os níveis de empenho no estudo do violino.  Identificar eventuais progressos nos 3 anos de aprendizagem do violino.	Em que medida considera que a aprendizagem do violino teve/tem tido efeitos na personalidade da Maria?  Como está a decorrer a aprendizagem do violino pela Maria?  Que níveis de motivação são visíveis na Maria?  Em que medida o violino é trabalhado em casa?  Que progressos tem observado na execução do violino, desde o início da aprendizagem da Maria? (de há 3 anos para cá)

<p>D. Caracterizar o papel desempenhado pela escola e pelos professores na relação com a música da jovem com síndrome de Down.</p>	<p>Identificar os tipos de oferta musical que diferentes instituições têm dado à Maria.</p> <p>Compreender o tipo de relação que estas instituições têm com a Maria.</p> <p>Identificar fatores relevantes na relação pedagógica entre a Maria e os professores.</p>	<p>Que tipos de ensino musical já teve a Maria? (educação musical na escola? Música na associação?) Como foi a relação da Maria com esses tipos de ensino?</p> <p>Porque é que a Maria deixou a escola de música? Que reações teve a Maria?</p> <p>Porque é que a Maria não frequenta outra escola de música?</p> <p>Como é relação da Maria com a atual professora de violino?</p> <p>Será que a Maria ainda se recorda das aulas de violino comigo, em 2011-2012?</p> <p>Como caracteriza esse primeiro ano de aprendizagem do violino?</p>
<p>E. Caracterizar o papel desempenhado pela família na relação com a música da jovem com síndrome de Down.</p>	<p>Compreender a relação da família com a síndrome de Down.</p> <p>Perceber que tipos de apoio a família presta à Maria no percurso musical.</p>	<p>Como encara a condição da sua filha? Como é que a família lida com a condição da Maria?</p> <p>Que tipo de apoio familiar considera importante para o percurso musical da Maria?</p> <p>Costuma assistir às aulas? Apoia a Maria no estudo do violino em casa? Costuma levar a Maria concertos?</p>

Tabela 16 - ENTREVISTA SEMI-ESTUTURADA À PROFESSORA

BLOCOS	OBJETIVOS	QUESTÕES
Legitimação da entrevista	Explicar o tema e objetivos da investigação. Explicar o âmbito e utilização dos dados da entrevista. Pedir autorização para gravar.	
A. Caracterizar globalmente a jovem com síndrome de Down.	Caracterizar a Maria em termos físicos, cognitivos e sociais.	Como caracteriza a Maria em termos físicos?  Como caracteriza a Maria em termos cognitivos?  Como caracteriza a Maria em termos sociais/relacionais?
B. Caracterizar a importância da música na vida da jovem com síndrome de Down.	Identificar eventuais benefícios que a aprendizagem da música tem tido na Maria, em termos físicos, cognitivos ou relacionais.	Qual a relação que a Maria estabelece com a música em geral e com a música partilhada na sala de aula?  Em que medida considera que a aprendizagem do violino teve/tem tido efeitos na personalidade da Maria?
C. Caracterizar a relação da jovem com síndrome de Down com a aprendizagem do violino.	Compreender os fatores motivacionais e de persistência no estudo do violino.  Conhecer os níveis de empenho no estudo do violino.  Identificar eventuais progressos de aprendizagem do violino.	Como caracteriza o ensino do violino que está a aplicar à Maria Alba? (métodos, ensino individualizado/em grupo...)  Como está a decorrer a aprendizagem do violino pela Maria?  Que níveis de motivação são visíveis na Maria?  Em que medida o violino é trabalhado em casa?  Que progressos tem observado na execução do violino?
D. Caracterizar o papel desempenhado pela escola e pelos professores na relação com a música da jovem com síndrome	Identificar fatores relevantes na relação pedagógica entre a Maria e os professores.	Qual a importância da relação entre professor e aluno no caso concreto da Maria Alba?  Como caracteriza a sua relação com a Maria Alba?

de Down.		Como tem adaptado o ensino/aprendizagem às características individuais da Maria Alba?
E. Caracterizar o papel desempenhado pela família na relação com a música da jovem com síndrome de Down.	<p>Compreender a relação da família com a síndrome de Down.</p> <p>Perceber que tipos de apoio a família presta à Maria no percurso musical.</p> <p>Perceber de que maneira a música faz parte do dia-a-dia da Maria, de forma espontânea ou por orientação familiar.</p>	<p>Como é que a família da Maria lida com a condição da mesma?</p> <p>Que tipo de apoio familiar considera importante para o percurso musical da Maria?</p> <p>Algum elemento da família costuma assistir às aulas?</p>

### 3.7. Técnicas de análise de dados

A análise de dados consiste na organização sistemática do material colhido no terreno com o objetivo de, através dele, aumentar a compreensão sobre o fenómeno em estudo. Esta análise envolve “trabalhar com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, sintaxe, procura de padrões, descoberta de aspetos importantes e do que deve ser apreendido e a decisão sobre o que vai transmitindo aos grupos” (Bogdan e Biklen, 1994).

Para esta análise foram cruzadas as informações do meu próprio relato e das respetivas entrevistas. Os blocos das entrevistas criados a partir dos objetivos estabelecidos foram utilizados como as cinco grandes categorias de análise, estabelecidas *a priori*:

- ✚ Caracterização global da jovem com síndrome de Down.
- ✚ A importância da música na vida da jovem com síndrome de Down.
- ✚ A relação da jovem com síndrome de Down com a aprendizagem do violino.
- ✚ O papel desempenhado pela escola e pelos professores na relação com a música da jovem com síndrome de Down.
- ✚ O papel da família na relação com a música da jovem com síndrome de Down.

Através da triangulação de dados - leitura cruzada das entrevistas e relato próprio - criaram-se sub categorias *a posteriori*. Para cada uma destas, foi encontrado um sentido de resposta para os vários indicadores recolhidos.

Toda a análise é encontrada no anexo IV e, a nível de exemplo, é apresentado um pequeno excerto da análise de conteúdo (Tabela 17).

Tabela 17 – EXCERTO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

CATEGORIAS	SUB CATEGORIAS	SENTIDOS DE RESPOSTA	INDICADORES DE RESPOSTA
1. Caracterização global da jovem com síndrome de Down.	Aspetos relacionais	É referido que a Maria é reservada nos primeiros contactos, mas muito afetiva com as pessoas de quem gosta.	<p>“Achava-a interessante pelas suas reações de dupla personalidade, ora demasiado carinhosas com quem a acompanhava, ora amuadas quando contrariada.” (Relato Investigadora)</p> <p>“É uma criança seletiva nas suas relações sociais, porém quando é amiga de alguém, é muito amiga e integra-se muito bem na escola, relacionando-se com todos. Não faz distinção de idades. Um amigo, para ela, tanto faz ter 50 anos como 5.” (Entrevista Mãe)</p> <p>“Tal como eu, a minha filha defende ciosamente a sua intimidade. É tímida e reservada nos primeiros contactos com pessoas estranhas. Com quem lhe quer bem, proporcionando-se a ocasião, nutre amizade, que se percebe ser sólida; com quem não lhe quer bem, não se dá e conserva distância. É querida e muito estimada no seu círculo de familiares, amigos e conhecidos.” (Entrevista Pai)</p> <p>“A Maria Alba tem dificuldades relacionais, próprias de pessoas com Síndrome de Down, com melhorias recentes.” (Entrevista Professora)</p>

## Capítulo IV - Análise e discussão dos resultados

### 4. Análise e discussão dos resultados

Neste capítulo serão apresentadas detalhadamente a análise e discussão dos resultados, organizados em torno das cinco grandes categorias, referidas no capítulo anterior. Esta análise pode ser consultada na tabela IV dos anexos, onde são triangulados os dados recolhidos no relato pessoal e nas entrevistas aos pais e professora.

#### 4.1. Caracterização global da jovem com síndrome de Down

##### 4.1.1. Aspectos físicos

Caracterizando globalmente a jovem com síndrome de Down, **a descrição física da Maria Alba corresponde ao protótipo descrito para este síndrome.** A mãe refere: “É uma criança (...) com os traços típicos do síndrome de que é portadora, nomeadamente com o corte dos olhos “achinesados”, braços curtos, mãos papudas e de toque delicado. Usa óculos.” (Entrevista Mãe), o mesmo referido pelo pai: “Embora discretos, a minha filha tem traços típicos da síndrome: é pequenina, tem a pele mais sensível, as mãos «partidas», os ouvidos alinhados mais abaixo no crânio, os olhos amendoados e a precisar de óculos...” (Entrevista Pai)

Apesar da síndrome, **as características físicas da Maria não são desvalorizadas pelos pais.** Como comprovam a mãe e o pai: “A Maria Alba, em termos físicos, é uma menina de 17 anos com uma estatura normal para a sua idade e também a nível de peso, está dentro dos parâmetros próprios para a sua altura. É uma criança bonita (...)” (Entrevista Mãe); “Tirando isso [traços típicos da síndrome], é anatomicamente perfeita: só tem um «pauzinho» a mais no cromossoma 21...” (Entrevista Pai).

##### 4.1.2. Aspectos Cognitivos

No que diz respeito aos aspetos cognitivos, **é reconhecido um défice cognitivo característico da síndrome:** “Tem um défice cognitivo muito ligeiro que lhe dificulta a aprendizagem da matemática. Consegue ler e escrever, porém com mais dificuldade do que qualquer criança.” (Entrevista Mãe). O pai refere: “Na prática, a minha filha só manifesta dificuldades quando tem de lidar com raciocínios abstractos,

nomeadamente quando tem de fazer operações matemáticas. No entanto, como sabe manejar calculadoras, tais operações não lhe são nem serão impossíveis de fazer.

(...)

O relatório de avaliação é claríssimo: para ser completamente autónoma e ter uma vida praticamente normal, a minha filha só precisa de ser mais disciplinada com os horários e apurar a noção de como se deve gerir o dinheiro. É de esperar que comece a trabalhar em «part-time» já este mês, e a tempo inteiro o mais tardar logo a seguir ao termo do presente ano lectivo.” (Entrevista Pai)

É também reconhecido pela professora esse mesmo défice cognitivo quando diz:

“A Maria Alba tem habilidade cognitiva abaixo da média, como é característico de pessoas com Síndrome de Down. É perspicaz e tem uma boa memória.” (Entrevista Professora)

**O reconhecimento do défice cognitivo não impede a valorização de outros traços cognitivos.** A mãe afirma: “É uma criança feliz, sonhadora, livre, sem preconceitos, sensível, inteligente... (...) Porém, tem o nível de sensibilidade em certos campos muito mais desenvolvido do que uma criança da sua idade (...)” (Entrevista Mãe). O pai valoriza outros traços cognitivos, mencionando uma observação feita por uma psicóloga amiga: “Até há um par de anos, pensava(-se) que a minha filha tinha 85% de QI, ou seja, o que se julgava ser o máximo que as pessoas com esta síndrome podiam ter. No entanto, vindo ao encontro duma intuição que sempre tive, uma psicóloga nossa amiga, que a recebeu e observou em casa durante uma semana, asseverou que ela tem mais de 100% de QI.” (Entrevista Pai)

#### 4.1.3. Aspetos relacionais

Nos aspetos sociais e relacionais **é referido que a Maria é reservada nos primeiros contactos, mas muito afetiva com as pessoas de quem gosta.** “Achava-a interessante pelas suas reações de dupla personalidade, ora demasiado carinhosas com quem a acompanhava, ora amuadas quando contrariada.” (Relato Investigadora) A mãe confirma a reflexão acima mencionada: “É uma criança seletiva nas suas relações sociais, porém quando é amiga de alguém, é muito amiga e integra-se muito bem na escola, relacionando-se com todos. Não faz distinção de idades. Um amigo, para ela, tanto faz ter 50 anos como 5.” (Entrevista mãe). O pai também reconhece que a Maria é reservada numa fase inicial, mas muito querida quando nutre amizade por alguém, notando características idênticas entre o próprio e a filha. Afirma que: “Tal como eu, a minha filha defende ciosamente a sua intimidade. É tímida e reservada nos primeiros contactos com pessoas estranhas. Com quem lhe quer bem, proporcionando-se a ocasião, nutre amizade, que se percebe ser sólida; com quem não lhe quer bem, não se dá e conserva distância. É querida e muito estimada no seu círculo de familiares, amigos e conhecidos.” (Entrevista Pai)

Já a professora afirma que estes sintomas são próprios de pessoas com a mesma síndrome: “A Maria Alba tem dificuldades relacionais, próprias de pessoas com Síndrome de Down, com melhorias recentes.” (Professora)

**É-lhe reconhecida uma capacidade de perceber os sentimentos dos outros.** A mãe diz: “... tem o nível de sensibilidade (...) para entender o estado de espírito dos que a rodeiam e o comportamento a ter para com estes.” (Entrevista Mãe), característica também constatada pelo pai: “Sabe, no entanto, discernir quem lhe quer bem e quem não lhe quer bem.” (Entrevista Pai)

## 4.2. A importância da música na vida da jovem com síndrome de Down

### 4.2.1. Aspetos sócio afetivos

Nos aspetos sócio afetivos, no que diz respeito à importância da música na vida da Maria, é referido que **a música é um elemento de estimulação emocional.** É aludido o uso autónomo da música como elemento de fruição e prazer: “Foi-me dito pela mãe que a Maria sempre gostou muito de ouvir música (qualquer género).” (Relato Investigadora); “Ela não vive sem música (...) Precisa de música para entrar no seu mundo de fantasia (...)” (Entrevista Mãe); “(...) A julgar pelos contactos que mantenho com ela, pelas estações de rádio que sei que ela escuta e pelos CDs que sei que ela tem, a música continua a ter muita importância na vida dela.” (Entrevista Pai); “A Maria Alba gosta de ouvir diversos estilos de música e fá-lo com regularidade. Prefere utilizar *headphones* e, normalmente, com volume alto. (...) Gosta de cantar, embora não consiga entoar corretamente.” (Entrevista Professora)

Podem ser estimuladas outro tipo de emoções, quando assiste a concertos, pela quantidade de público e de pessoas que a rodeiam, e pela intensidade de som em momentos de dinâmicas fortes. É dito pela mãe: Levei uma vez (a um concerto). Porém, o grande aglomerado de pessoas presentes assustou-a, assim como a altura da música.” (Entrevista Mãe) e pela professora “(...) É muito sensível aos sons intensos, chegando a ter de sair de um concerto de música clássica, quando a orquestra atingiu um alto nível de intensidade, com percussão.” (Entrevista Professora)

**A Maria utiliza a música como meio de relação social.** “Houve uma situação em que a mãe e a Maria me deram boleia para o comboio e íamos as três a cantar músicas do ‘Netinho’ no carro. Senti, da parte da Maria, a necessidade, e ao mesmo tempo felicidade e orgulho, em mostrar que sabia perfeitamente as músicas e as letras todas.” (Relato Investigadora)

É observada uma certa inteligência emocional, pois a música acaba por ser um elo de ligação entre a Maria e os pais, amigos, etc.. A mãe e o pai mencionam: “Precisa de música para (...) conhecimento dos seus sentimentos e das pessoas que a rodeiam

(...) A Maria Alba escolhe uma canção para surpreender a mãe ao acordá-la.” (Entrevista Mãe); “(...) ouve e canta com frequência: tem-no feito, aliás, na minha presença.” (Entrevista Pai)

#### 4.2.2. Aspectos cognitivos e motores

Nos aspectos cognitivos e motores **a música foi um fator de desenvolvimento da Maria.** São várias as evidências de desenvolvimento, nomeadamente no que se refere à linguagem, à memória e à dança. As mesmas foram mencionadas pela investigadora: “A Maria sabia as letras todas.” (Relato Investigadora) e pela mãe: “No carro, quando não tínhamos rádio, cantávamos. Foi assim que ela aprendeu a falar. Vê muitos filmes da Disney, onde as canções são repetidas centenas de vezes. Gosta de dançar. Desde bebé que procurámos fazer estimulação precoce através da música clássica, que ouviu com bastante frequência.” (Entrevista Mãe)

### 4.3. A relação da jovem com síndrome de Down com a aprendizagem do violino.

#### 4.3.1. Aspectos sócio afetivos

Em relação a aspectos sócio afetivos, houve uma **forte motivação inicial para a aprendizagem do violino.** A investigadora confirma: “Aos treze anos teve uma forte vontade de aprender a tocar violino.” (Relato Investigadora).

A mãe fala de uma paixão que se desenvolveu logo desde pequena quando diz: “Desde bebé que ela apreciava, de modo particular, o violino. Foi o meu primeiro presente para ela quando, por acaso, vi na rua um violino de plástico que a encantou.” (Entrevista Mãe)

**O investimento na aprendizagem do violino é oscilatório.** A investigadora afirma: “A Maria umas vezes aparecia alegre, ativa, com um dinamismo que facilitava o ensino e a aprendizagem, outras vezes não lhe apetecia fazer nada e gostava de conversar e partilhar a sua vida pessoal.” (Relato Investigadora)

É notável uma oscilação de motivação, por vezes com imensa vontade de ter aula e tocar o instrumento. A opinião da mãe de Maria confirma a sua ansiedade nos dias de aula de violino, tal como foi referido: “(...) é com muita alegria que ela vai para as aulas e volta destas entusiasmada com as novas canções que aprende. O dia da semana em que tem aula é esperado com ansiedade por ela. Tem o violino sempre à cabeceira para não se esquecer de o levar de manhã para a escola. É motivo de alegria encontrar as professoras que lhe lecionaram tal conhecimento. (...) (Estuda em casa) Sempre que se sente motivada. Sem que ninguém lhe diga nada, fecha-se no

quarto e toca.” (Entrevista Mãe) e o pai: “Do que a própria menina me tem dito, ela continua muito motivada e quer seguir com a aprendizagem do violino.” (Entrevista Pai), e outras vezes com um nível de interesse reduzido, tal como refere a investigadora: “(...) Completamente desprovida de concentração em certos dias, abandonava o violino, passava para o piano, sentava-se sem qualquer predisposição para trabalhar ou dizia que queria ir embora.” (Relato Investigadora) e a professora: “Embora o seu nível de interesse seja variável, a Maria Alba tem persistido e colaborado nas actividades propostas.” (Entrevista Professora)

**O violino é fator de afirmação pessoal** e de identidade musical, tal como se pode comprovar nas respostas da mãe e da professora: “Foi muito importante para a sua concentração, socialização, interação com a professora, fez sucesso na escola, uma vez que os seus companheiros de ano desconheciam completamente o uso de tal instrumento e fê-la sentir diferente pela positiva.” (Entrevista Mãe);

“... a Maria Alba mostrou-se mais do que uma vez relutante em tocar com assistência, durante as aulas. No entanto, gostou de gravar e de mostrar, principalmente à mãe, as gravações efectuadas no decorrer das mesmas. Aderiu à ideia e teve prazer em levar o violino para a escola secundária e tocar para os colegas e professores da turma.” (Entrevista Professora)

#### 4.3.2. Aprendizagens específicas musicais

Relativamente às aprendizagens técnicas/específicas musicais **são reconhecidas aprendizagens musicais relevantes, apesar de reconhecidas as limitações impostas pela síndrome.** A investigadora comenta: “A Maria Alba teve os seus progressos visíveis, pois no final do ano letivo já tocava algumas peças (ainda com muita ajuda minha), sendo gratificante aos meus ouvidos a forma como tudo se tinha desenrolado.” (Relato Investigadora)

O pai refere: “Consta-me (...) que está a correr bem (aulas de violino), embora com algumas das dificuldades que, suponho, seria de esperar que houvesse com uma menina que sofre da síndrome de Down. (...) sou de opinião que correu bastante bem. Não creio que pudesse ter corrido melhor. No que diz respeito directamente à música, melhorou imenso o sentido do compasso (os «tempos»!...), decora mais facilmente as músicas e as letras, e está a cantar com muito mais afinação.” (Entrevista Pai)

A professora fala do contexto da sala de aula e refere algumas peças já tocadas pela Maria: “No contexto de sala de aula, tem também dificuldade em sentir a pulsação, executando o ritmo por imitação. A Maria Alba aprendeu peças do primeiro livro de *Essential Elements for Strings*, de Robert Gillespie, Michael Allen e Pamela Tellejohn Hayes; *Stepping Stone*, de Katherine e Hugh Colledge; e *The First Year of Violin Tutor*, de Neil Mackay. A Maria Alba progrediu sobretudo ao nível da leitura

musical e da destreza na mão esquerda. Noto igualmente melhorias ao nível da imitação rítmica.” (Entrevista Professora)

### 4.3.3. Aprendizagens transversais

No que diz respeito às aprendizagens transversais, **a aprendizagem do violino contribuiu para o desenvolvimento geral da personalidade da Maria.** A investigadora afirma: “A mãe muito feliz procurou-me no final e confessou nunca pensar que a sua filha conseguisse tocar o que tocou e que o ano tinha sido muito benéfico nas vertentes pessoais, pedagógicas e relacionais para a Maria.” (Relato Investigadora), fator igualmente constatado pelos pais e pela professora: “Foi um crescente contínuo, sem retrocessos, o que não acontece com outras disciplinas.” (Entrevista Mãe); “Creio que lhe aguçou bastante a auto-disciplina, o poder de concentração e o gosto pelas coisas belas da vida.” (Entrevista Pai); “Considero que a aprendizagem do violino poderá ter contribuído para melhorar a concentração da Maria Alba, bem como a sua persistência e responsabilidade. Penso que também contribuiu para tornar a Maria Alba uma pessoa mais calma e relaxada.” (Entrevista Professora)

## 4.4. O papel desempenhado pela escola e pelos professores na relação com a música da jovem com síndrome de Down.

### 4.4.1. Relação pedagógica

Relativamente à parte da relação pedagógica, **a Maria não responde bem à obrigatoriedade**, fator que preocupou a investigadora, tal como ela indica: “(Eu) ficava preocupada sempre que ela rejeitava o trabalho que lhe propunha e insistia, o que a levava a amuar. Quanto mais insistisse menos a Maria fazia, logo menos objetivos conseguiria se houvesse uma rejeição absoluta dela!” (Relato Investigadora)

Tendo em conta as oscilações de motivação, **foram importantes as estratégias que iam ao encontro dos interesses da Maria.** A investigadora explica de que forma tentou ir ao encontro desses mesmos interesses: “Mudei a estratégia. Comecei a conversar com ela e a adaptar-me à sua realidade estabelecendo a empatia necessária para acompanhar o processo da aprendizagem do violino. As mutações passaram a ser notórias. Começou a interagir comigo e deixou de ter aqueles arrufos. Com estímulo e reforço positivo a Maria ia adquirindo novas competências, quando sentia dificuldades nem se revoltava, nem desistia, pelo contrário estava atenta aos meus ensinamentos e fazia por pô-los em prática. Nesta minha mudança de atitude as competências básicas para o processo ensino/aprendizagem tomaram outro rumo, a

Maria valorizou o que ouvia, aceitou os pontos de vista que lhe apresentava, começou a gerir e a controlar os conflitos existenciais e ambas atingimos objetivos comuns, o nosso sucesso pedagógico e pessoal.” (Relato Investigadora). A professora também refere as estratégias que a levaram a ir de encontro ao que interessava à Maria: “O que mais motivou a Maria Alba na aprendizagem do violino foi associar a aprendizagem do instrumento a um dia de convívio com amigos e relacionar as peças que aprendeu com o seu imaginário (para todas as peças que tocou, a Maria inventou letras relacionadas com os seus interesses). Esta motivação foi visível, por exemplo, no trabalho que a Maria Alba fazia em casa, por iniciativa própria, de passar a computador essas letras escritas à mão, na aula, guardando-as sempre consigo, na sua carteira. (...) A Maria Alba estudou pontualmente em casa, nas alturas em que estava mais motivada, ou seja, quando aprendia uma música de que gostava mais. (...) Para facilitar a execução com o apoio da partitura e permitir a autonomia da Maria Alba no estudo, associámos uma cor a cada corda do violino, colorindo as notas da pauta. No aspecto rítmico, as figuras têm um suporte gráfico, com traços longos e curtos. (...) Antes de aprender uma peça nova, a Maria Alba inventou letras, segundo os seus interesses, o que contribuiu para motivá-la na aprendizagem do instrumento. Serviu também como motivação o objectivo de ganhar um autocolante no final de um bom exercício.” (Entrevista Professora)

**Foi importante a relação de amizade estabelecida entre a Maria e as professoras.** A investigadora comenta: “Nesta mudança de atitude da minha parte, dá-se também uma reviravolta nas preferências da Maria Alba. Estava sempre ansiosa para que o sábado chegasse para ter novamente a aula de violino e quando chegava irradiava uma felicidade que se tornou contagiante, pois este sentimento passou a ser recíproco, ao ponto da Maria começar a partilhar comigo a sua vida pessoal, familiar, íntima, isto é, começou a falar-me das suas paixões e amigos.” (Relato Investigadora)

É referido pelo mãe a importância da amizade entre as professoras e a Maria: “... a professora que lhe foi confiada criou nesta uma grande empatia, quer pessoal quer com a aprendizagem do instrumento. (...) (Estava) Sempre com muita vontade em aprender e de se relacionar com os professores que lhe transmitiam conhecimento. (...) Ótima (a relação com a atual professora). É uma grande amiga dela. Ela respeita muito a professora e é compreensiva quando esta não lhe pode dar aula por qualquer motivo.” (Entrevista Mãe)

A professora relata também a experiência das aulas informais com a Maria e da relação mais familiar que teve com a mesma: “O ensino de violino que apliquei durante um ano à Maria Alba não teve o formalismo de uma aula de instrumento numa escola de música. Como amiga da família, os 30 minutos semanais em que tocávamos juntas, estavam inseridos num programa mais alargado de convívio. (...) No caso concreto da Maria Alba, conhecê-la e ter uma relação próxima, baseada na confiança, reflete-se na aula, permitindo manter um ritmo de trabalho, sendo possível repetir os exercícios e rever as peças já executadas. (...) A minha relação com a Maria Alba não tem o carácter formal de uma relação professor/aluno, baseando-se essencialmente numa relação afectiva.” (Entrevista Professora)

Indo ao encontro do que foi dito anteriormente, **é referida a importância da adaptação não só da Maria, mas também das professoras.** É essencial perceber a necessidade de mudança que foi sentida pelas professoras, mudança das suas próprias estratégias, da sua forma de ver o ensino para aquela menina especial, para que as aulas e a sua relação corresse da forma mais produtiva possível. A investigadora conta: “Chegadas a esta fase verifiquei que não tive que mudar a Maria, antes mudar-me a mim e garantir-lhe uma boa relação para conseguir êxito nas aprendizagens.

Pretendi não diferenciar a Maria pela sua condição, não a encarar como uma pessoa diferente, unicamente tive que planear de forma a assimilar melhor os conteúdos e preparar aulas que a motivassem.

Com a dinâmica que criei, dedicação, persistência e amor, entre graças e conversas, ensinamentos e trabalho, ... muito aprendi com esta menina... unicamente aos meus conhecimentos juntei às sete notas musicais, uma oitava, talvez a fundamental para o sucesso da Maria Alba, a nota Amor!” (Relato Investigadora)

Os pais falam da importância dessa mudança e dos laços que foram criados entre a investigadora e a Maria, que ainda hoje perduram: “Foi uma experiência marcante para o resto da vida dela. Foi uma sensação de uma conquista, quer de uma grande amiga, quer de uma capacidade de que tinha e que não tinha conhecimento dela.

Muito importante, pela relação afectiva que criou com a professora, que tinha uma sensibilidade fabulosa para lidar com ela.” (Entrevista Mãe); “Julgo saber que é muitíssimo boa (relação com a primeira professora). A mim, a menina só me diz imenso bem da sua professora. (...) Recorda-se perfeitamente (das aulas com a primeira professora de violino). Ela própria mo disse a mim.” (Entrevista Pai)

#### **4.4.2. As escolas do ensino genérico na integração e na oferta de qualidade de ensino**

As escolas do ensino genérico na integração e na oferta de qualidade de ensino **nem sempre estão preparadas para integrar a criança diferente.** A mãe fala do motivo que leva a Maria a ter aulas particulares: “Porque a escola não encontrou um horário para ela, embora me tivessem dito que me contactariam, o que não fizeram. Ficou triste, mas procurei logo encontrar uma professora o mais depressa possível. (...) não tinha conhecimento aqui perto de uma escola que a pudesse integrar e, por outro lado, porque gosto muito da professora que atualmente lhe dá aulas.” (Entrevista Mãe)

**Nem sempre as escolas de ensino regular promovem um conhecimento musical aprofundado.** “Não sei ao certo que ensino musical ela tem tido na escola: a mãe nunca me informou nem me informa de nada, nomeadamente a respeito disso.

Estimo, porém, que tenha sido e continue a ser bastante superficial, porque só notei consideráveis melhorias na sua relação com a música desde que a menina começou a ter aulas de violino.” (Entrevista Pai)

## 4.5. O papel da família na relação com a música da jovem com síndrome de Down

### 4.5.1. A relação escola-família

Na relação escola-família **é valorizada a presença regular e informativa da mãe da Maria na escola, mas de forma equilibrada.** O apoio da mãe foi importantíssimo na aprendizagem e desenvolvimento da criança (Maria), tal como se constata: “O apoio incondicional da mãe foi a maior força motriz deste desafio. Atenta, sempre presente, carinhosa, ajudou-me imenso ao dar-me características da personalidade da Maria, bem-disposta, amorosa, com gosto por cantar e dançar, mas também teimosa.” (Relato Investigadora); “A mãe da Maria Alba procura proporcionar-lhe um leque variado de experiências, entre as quais a aprendizagem do violino. Considero importante, para o percurso musical da Maria Alba, o incentivo da família ao estudo regular do instrumento e à audição musical, a valorização das pequenas conquistas que ela vai realizando aula a aula e o apoio nas actividades relacionadas com o violino (por exemplo, apresentações públicas na escola).” (Entrevista Professora)

É perceptível a incomparável presença da mãe da vida da Maria. Porém é também claro que a mãe lhe tenta dar o espaço necessário, para que ela seja o mais autónoma possível. A mãe confirma: “Raramente (assisto às aulas). Penso que seja importante a ligação professora-aluna para que a Maria sinta que aquele momento é seu.” (Entrevista Mãe)

### 4.5.2. O apoio da família ao estudo e ao acesso à cultura

No que diz respeito ao apoio da família ao estudo e ao acesso à cultura **é reconhecida alguma falta de competência musical para apoiar o estudo, que é colmatada com o acesso à cultura musical,** como espetáculos, concertos de televisão e dvd’s. A mãe afirma: “Deixo-a muito livre. Eu não tenho conhecimento de música, mas oiço-a com muito gosto e ela gosta de me fazer participar das suas novas descobertas. Contudo, quando quem toca são amigos seus, ela fica na primeira fila a

assistir e a vibrar. Fica a ouvir os seus discos centenas de vezes. Gosta de relacionar a música com a pessoa que a toca. Na televisão, desde pequena que se coloca encantada a assistir aos concertos de Natal de Viena de Austria, enquanto que as outras crianças se divertem com brinquedos. A música fascina a Maria Alba.” (Entrevista Mãe)

O pai menciona a vontade de levar mais a Maria a concertos quando diz: “Teria de ter mais apoio da minha parte: sem falsas modéstias, não há ninguém na família com o gosto e os conhecimentos musicais que eu tenho. (...) Tenciono, porém, levá-la (a concertos)... Se a minha filha gosta tanto de música e eu vou regularmente a concertos, por que não hei-de levá-la comigo?” (Entrevista Pai)

#### 4.5.3. A relação da Maria com a família

**A relação da Maria com a família é referida simultaneamente como exigente e permissiva.** É referida a exigência e a falta de paciência dos familiares. A mãe expõe: “Não é fácil. Às vezes é mais fácil pessoas de fora da família. A família é mais exigente para com ela e menos paciente.” (Entrevista Mãe)

O pai revela: “Tirando o meu querido sogro (já falecido) e eu próprio, a família considerou sempre e continua a considerar a menina como uma atrasada mental. É triste dizê-lo, mas é assim mesmo...” (Entrevista Pai)

## Capítulo V - Considerações Finais

### 5. Conclusão

A música é elemento agregador de pessoas, vontades e necessidades. Desperta-nos sentimentos e emoções que, de outra forma, dificilmente conseguiríamos demonstrar. O ser humano vive com medos, angústias ou sentimentos reprimidos que, com a prática de actividades estimulantes e libertadoras como a música, podem ser minimizados.

Os efeitos da aprendizagem de música foram já demonstrados em diversos estudos e revelam-se benéficos em todas as pessoas de diferentes sexos, idades ou culturas. Estes benefícios atingem especial importância no desenvolvimento de crianças com necessidades educativas especiais.

No decorrer do trabalho, foi possível aclarar a importância do ensino da música em crianças com Síndrome de Down.

A grande problemática desta investigação, já antes mencionada, fixava-se em tentar recolher a máxima informação com o propósito de perceber se era, a música, uma influência positiva na vida de uma criança com Síndrome de Down, neste caso em específico da Maria, problemática esta orientada pelos seguintes objetivos:

- ✚ Caracterizar globalmente a jovem com síndrome de Down;
- ✚ Caracterizar a importância da música na vida da jovem com síndrome de Down;
- ✚ Caracterizar a relação da jovem com síndrome de Down com a aprendizagem do violino;
- ✚ Caracterizar o papel desempenhado pela escola e pelos professores na relação com a música da jovem com síndrome de Down;
- ✚ Caracterizar o papel desempenhado pela família na relação com a música da jovem com síndrome de Down.

Através da descrição feita pelos entrevistados, posso descrever a Maria, relativamente ao aspeto físico, como uma jovem de 17 anos com traços típicos da síndrome: *é pequenina, tem a pele mais sensível, as mãos «partidas», os ouvidos alinhados mais abaixo no crânio, os olhos amendoados. (...) Tirando isso, é anatomicamente perfeita: só tem um «pauzinho» a mais no cromossoma 21...*, tal como menciona o pai da jovem.

A falta de atenção e a dificuldade nas atividades prolongadas que requerem mais tempo de atenção, são outras características cognitivas que podemos associar à Maria. Foi ainda descrita a sua dificuldade com raciocínios abstratos, tais como a matemática.

Apesar destas características físicas e cognitivas, a mãe descreve a Maria como *uma criança feliz, sonhadora, livre, sem preconceitos, sensível, inteligente...*

No que diz respeito às relações pessoais e afetivas, a Maria é introvertida e seletiva com estranhos ou quando não sente empatia com alguém. No entanto, quando se trata de alguém de quem goste, demonstra um grande carinho e amizade.

É notória e reconhecida pelos pais, a importância da música na vida da jovem. É uma típica adolescente, rodeada da sua música e das suas bandas preferidas. Tem um gosto diversificado e aprecia-a com o volume alto. Não obstante, ainda sente algum desconforto em concertos aquando o clímax das obras, derivado à dinâmica *forte*.

A música é um auxílio nas relações da Maria com os outros. Em algumas situações revela-se como um elo de ligação com os amigos e pais. A mãe, como principal interveniente na observação do desenvolvimento da criança, concluiu que a Música é benéfica também na promoção do estabelecimento de relações interpessoais.

A opinião da mãe foi crucial para o entendimento das vantagens da prática do ensino de música para o desenvolvimento da criança. Os progressos que se têm observado na execução do violino, desde o início da aprendizagem da Maria, evidenciam *um crescente contínuo, sem retrocessos, o que não ocorre com outras disciplinas*, revelando que a aprendizagem do violino e a história de Maria serve de base para a premissa de que a música auxilia as crianças com SD no desenvolvimento e na integração social.

Através do nosso estudo de campo podemos inferir que a prática de Música na Maria Alba, alterou os seus comportamentos, evidenciando um aumento da auto-estima, o desejo de comunicar e o aumento do leque de interesses. Foi e continua a ser muito importante para a sua concentração, socialização, interação com os professores, colegas, ajudando no sucesso na escola.

Não é de menor importância o papel desempenhado pelos professores que acompanham estas crianças; são estes merecedores de um lugar de destaque. O sucesso na aprendizagem não pode ser desvinculado da capacidade do professor em estimular e contornar algumas limitações de crianças com NEE. É necessária, por parte destes, alguma adaptabilidade e persistência para transpor a barreira que os separa das vontades e fantasias de um mundo próprio de alguém portador de Trissomia 21. É importante haver uma reflexão na reformulação das práticas pedagógicas, na planificação das nossas aulas e numa maior valorização dos domínios cognitivos, afetivos e socioculturais do indivíduo.

Este estudo e, em particular, a Maria Alba contribuíram para o meu enriquecimento pessoal e profissional, dando-me um novo olhar sobre a relação pedagógica que estabeleço com cada um dos meus alunos.

Todos os alunos são especiais.





## Referências Bibliográficas

ALONSO, Luísa - «Integração currículo-avaliação: Que significados? Que constrangimentos? Que implicações?». In ABRANTES, Paulo; ARAÚJO, Filomena (coords.) - *Avaliação das aprendizagens*. Lisboa: Ministério da Educação. 2001. ISBN 972-742-165-2 pág. 17-23.

ARAÚJO, Cidália; [et al] - *Estudo de Caso*. Universidade do Minho Instituto de Educação e Psicologia, (2008). [consult. 23 Janeiro 2015] Disponível em: [http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo\\_caso.pdf](http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf)

AUGUSTO, Maria Inês Couto - *Musicoterapia e Síndrome de Down*. Artigos Meloteca, 2011. Monografia final de curso de graduação em musicoterapia [consult. 26 Setembro 2014] Disponível em: <http://www.meloteca.com/pdf/musicoterapia/as-possibilidades-de-estimulacao-de-portadores-da-sindrome-de-down-em-musicoterapia.pdf>

BISSOTO, Maria Luisa - *O desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de Síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais*. *Ciências & Cognição*, vol.4, n. 2, pág. 80-88. 2005. [consult 10 Novembro 2014] Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/m11526.pdf>  
ISSN 1806-5821

BLANCO, Rosa - *Inclusão: um desafio para os sistemas educacionais*. in: **Ensaio Pedagógico: Construindo escolas Inclusivas**. Brasília: Ministério da Educação (2005) [consult. 30 Setembro 2014] Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ensaiospedagogicos.pdf>

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp - *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução às teorias e aos métodos*. 1ªed. Porto: Porto Editora (1994) ISBN 0-205-13266-91

BUCKLEY, S.; BIRD, G.; SACKS, B. - *Social development for individuals with Down syndrome: an overview*. Portsmouth, 2002. [consult. 27 setembro 2014]. Disponível em: <http://www.downsyndrome.org/information/social/overview/>

CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela M. - *Metodologia da investigação - guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta (1998) ISBN 9789726742319

*CiênciaHoje* (2013), *Música estimula o desenvolvimento intelectual, pessoal e social dos jovens [s.d]* [consult. 2 Outubro 2014] disponível em: <http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=57424&op=all>

*Ciências e Cognição: revista interdisciplinar de estudos da cognição. Vol.20 nº1. (2015). Universidade Federal do Rio de Janeiro. - Rio de Janeiro [consult. 26 Fevereiro 2015] Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec> ISSN 18065821*

EISENHARDT, Kathleen M. - *Building Theories from Case Study Research*. in: The Academy of Management Review, Vol. 14, No. 4, Academy of Management (1989). [consult. 30 Outubro 2014] Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/258557>

FITZPATRICK, Ray - *Surveys of patient satisfaction: I-Important general considerations*. Localização na Revista BMJ. vol.302 (1991), pág 887–889. [consult 14 Outubro 2015] Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1669267/>

GURALNICK, Michael J., BRICKER, Diane - *The effectiveness of early intervention for children with cognitive and general developmental delays*. 1987. In: GURALNICK M.J., BENNETT, F.C. - *The Effectiveness of Early Intervention for At-risk and Handicapped Children*. San Diego: Academic Press. Pp. 115-173. [consult. 27 Setembro 2014] disponível em: [http://depts.washington.edu/chdd/guralnick/pdfs/Guralnick\\_Chapter4-The\\_Effectiveness\\_of\\_EI-1987-AcademicPress.pdf](http://depts.washington.edu/chdd/guralnick/pdfs/Guralnick_Chapter4-The_Effectiveness_of_EI-1987-AcademicPress.pdf)

HODAPP, Robert; DESJARDIN, Jean L.; RICCI, Leila - *Genetic syndromes of mental retardation: Should they matter for the early interventionist?* Infants and Young Children, vol.16, No.2 (2003) pp.152–160. [consult. 1 Outubro 2014] Disponível em: [https://depts.washington.edu/isei/iyc/hodapp\\_16\\_2.pdf](https://depts.washington.edu/isei/iyc/hodapp_16_2.pdf)

HUANG, Lennox.[et al.] - *Delay in diagnosis of Williams syndrome*. Clinical Pediatrics, Vol. 41, no.4 (2002) pág. 257–261 [consult. 4 Outubro 2014] Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12041723>

LARA, Ana Teresa de Mello Camuzzo; TRINDADE, Silvia Helena de Rezende; NEMR, Katia - *Desempenho de indivíduos com Síndrome de Down nos testes de consciência fonológica aplicados com e sem apoio visual de figuras*. Revista CEFAC, São Paulo, v. 9, n. 2, 2007. [consult. 29 Setembro 2014] Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-18462007000200004> ISSN 1982-0216

LEFÉVRE, Beatriz Helena - *Mongolismo: Orientação para Famílias*. São Paulo:Almed, 1ªed., 1981. 188 pág.

LESHIN, Len - *Mosaic Down Syndrome*. 2002. [consult. 18 Setembro 2014]. Disponível em: [www.projectoriowdown.org/pdhydro.html](http://www.projectoriowdown.org/pdhydro.html)

LESHIN, Len - *Musculoskeletal Disorders in The Story of Down Syndrome*. 2003. [consult. 18 Setembro 2014]. Disponível em: <http://www.ds-health.com/ortho.htm>

LESHIN, Len - *Trisomy 21: The Story of Down Syndrome*. 2003. [consult. 19 Setembro 2015] Disponível em: <http://www.ds-health.com/trisomy.htm>

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli - *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, (1986). In: Aberto, Brasília, ano 5, n. 31 , jul./set. [consult. 2 Outubro 2014] Disponível em: <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/2237/1505>

MAHONEY, Gerald; MACDONALD James D. - *Autism and Developmental Delays in Young Children*. 2007. In: KARAASLAN, Ozcan; KAYA, Ozlem - *Autism and Developmental Delays: book review of Autism and Developmental Delays in Young Children*. 2009, p. 95-101. [consult. 15 Outubro 2014] Disponível em: <http://www.int-jecse.net/files/R7MMFH7ZNI62M3AG.pdf>

MASTROIANNI, Edelvira de Castro Quintanilha [et al.] - *Rescrevendo a Síndrome de Down por meio de brincadeiras*. Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Estadual Paulista. São Paulo, s.d.

MEEGAN, S. et al. - *Down Syndrome Research and Practice: Gross motor skill acquisition in adolescents with Down Syndrome*. Portsmouth, 2006. v. 9, n. 3, p. 75-80. [consult. 24 Outubro 2014] Disponível em: <http://www.down-syndrome.org/reports/298/reports-298.pdf>

MENDONÇA, Maria Elisabete Nascimento - *Aprendizagem e Avaliação de Competências na Escola Moderna*. Funchal, 2007. Dissertação de Mestrado. [consult. 13 Julho 2014] Disponível em: <http://repositorio.uma.pt/bitstream/10400.13/163/1/MestradoElisabeteMendon%C3%A7a.pdf>

MERRIAM, Sharan B. - *Case Study Research in Education: A Qualitative Approach* 1ª ed. Jossey-Bass; (1991). ISBN 978-1555423599

*Music therapy and young children: Why music therapy?*. American Music Therapy Association. 2015. [consult. 20 Janeiro 2015] disponível em: [http://www.musictherapy.org/assets/1/7/MT\\_Young\\_Children\\_2006.pdf](http://www.musictherapy.org/assets/1/7/MT_Young_Children_2006.pdf)

*Music therapy: what is music therapy?* American Music Therapy Association. 2015. [consult. 20 Janeiro 2015] disponível em: <http://www.musictherapy.org/about/quotes/>

OLIVEIRA, Cristiana Marques - *A identidade do idoso no processo de institucionalização: estudo exploratório*. Porto: ISSSP (2014) Dissertação de Mestrado. [consult. 23 Outubro 2014] Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/6630/1/Cristiana%20Marques%20de%20oliveira.pdf>

PINHEIRO, Joaquim António - *A Biblioteca Escolar no Contexto da Escola Inclusiva*. Lisboa: [s.n.] (2014). Dissertação de Mestrado [consult. 24 Novembro 2014] Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3495/1/TMGIBE AntonioPinheiro.pdf>

PINTO, Nuno; MORGADO, José - *Atitudes de Pais e Professores Perante a Inclusão*. in: 12º Colóquio de Psicologia e Educação - Educação, Aprendizagem e Desenvolvimento: olhares contemporâneos através da investigação e da Prática - ACTAS. 1ª ed. Lisboa: ISPA- Instituto Universitário (2012) pp. 471-491. [Consult. 10 Dezembro 2014] Disponível em: <http://www3.uma.pt/pbrazao/art&publ/Brazao%202012%20Constr%20analise%20diario%20etnogr%20eletronico.pdf> ISBN: 978-989-8384-15-7

PORTER, Roy - *The Greatest Benefit to Mankind: A Medical History of Humanity*. Illinois: Fontana Press, (1999). ISBN 978-0006374541  
PUESCHEL, M. - *El Síndrome Down*. 1990. [consult 23 Setembro 2014] Disponível em: <http://www.sindromedown.net/sindrome-down/>

RODRIGUES, Isabel Cristina Moreira - *Análise de parâmetros comportamentais em jovens adultos com síndrome de Down, nas aulas de Jogging Aquático*. Coimbra, 2004. Monografia da Licenciatura em Ciências do Desporto e Educação Física. [consult. 16 Setembro 2014] Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/18475/1/Monografia%20final.pdf>

ROLDÃO, Maria do Céu - *Diferenciação curricular revisitada*. 1ªEd. Porto: Porto Editora, 2003. 64p. ISBN: 978-972-0-34817-3

ROLDÃO, Maria do Céu - *Estratégias de Ensino. O Saber e o Agir do Professor*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2009. 130 p. ISBN: 9789898151087

SCHMIDT, Madja; CAGRAN, Branka - *Self-concept of Students in Inclusive Settings*. International Journal of Special Education, vol. 23 No1 (2008) pp. 8-17 [consult. 2 Novembro 2014] Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ814371.pdf>

SHADISH, William; COOK, Thomas D.; CAMPBELL, Donald T. - *Experimental and Quasi-experimental Designs for Generalized Casual Inference*. Houghton Mifflin Company: Boston (s.d.) [consult. 3 Novembro 2014] Disponível em:  
<https://depts.washington.edu/methods/readings/Shadish.pdf>

SILVA, Maria de Fátima Minetto Caldeira; KLEINHANS, Andréia Cristina dos Santos - *Processos cognitivos e plasticidade cerebral na Síndrome de Down*. Rev. bras. educ. espec. vol.12 no.1 Marília Jan./Apr. 2006 [consult. 4 Outubro 2014] Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382006000100009> ISSN 1980-5470.

STRAUSS, David; EYMAN, Richard K. - *Mortality Of People With Mental Retardation in California With and Without Down Syndrome, 1986-1991*. American Journal on Mental Retardatio, vol. 100 No. 6, (1996). pp. 643-653. University of California, Riverside. [consult. 4 Dezembro 2014] Disponível em:  
<http://www.t.lifeexpectancy.com/articles/ds1.pdf>

VARELLA, Drauzio - *Trissomia do coromossomo 21: Síndrome de Down*. Publicado em 21 Abril (2011) [consult. 10 Agosto 2014] Disponível em:  
<http://drauziovarella.com.br/crianca-2/sindrome-de-down/>

YIN, Robert K. - *Case Study Research: Design and Methods*. in: Applied Social Research Methods Series Vol. 2. 2ª ed. London: SAGE Publications (s.d) [consult. 14 Dezembro 2014] Disponível em:  
<http://www.madeira-edu.pt/LinkClick.aspx?fileticket=Fgm4GJWVTRs=&tabid=3004>



# Anexos



## **Anexo I - Entrevista à Mãe**

### **1 - Caracterização Global da criança com Síndrome de Down**

#### **1.1 Como caracteriza a Maria em termos físicos?**

A Maria, em termos físicos, é uma menina de 17 anos com uma estatura normal para a sua idade e também a nível de peso, está dentro dos parâmetros próprios para a sua altura. É uma criança bonita, com os traços típicos do síndrome de que é portadora, nomeadamente com o corte dos olhos “achinezados”, braços curtos, mãos papudas e de toque delicado. Usa óculos.

#### **1.2 Como caracteriza a Maria em termos cognitivos?**

Tem um défice cognitivo muito ligeiro que lhe dificulta a aprendizagem da matemática. Consegue ler e escrever, porém com mais dificuldade do que qualquer criança. Porém, tem a nível de sensibilidade em certos campos muito mais desenvolvida do que uma criança da sua idade, nomeadamente para entender o estado de espírito dos que a rodeiam e o comportamento a ter para com estes.

#### **1.3 Como caracteriza a Maria em termos sociais/relacionais?**

É uma criança seletiva nas suas relações sociais, porém quando é amiga de alguém, é muito amiga e integra-se muito bem na escola, relacionando-se com todos. Não faz distinção de idades. Um amigo, para ela, tanto faz ter 50 anos como 5.

### **2 - Caracterizar a importância da música na vida da jovem com síndrome de Down.**

#### **2.1 Qual a importância que a música em geral tem na vida da Maria?**

Ela não vive sem música. Precisa de música para entrar no seu mundo de fantasia e de conhecimento dos seus sentimentos e das pessoas que a rodeiam.

#### **2.2 Que atividades musicais (ouvir, cantar, tocar, dançar...) a Maria faz no seu dia-a-dia de forma espontânea ou com a família?**

A Maria escolhe uma canção para surpreender a mãe ao acordá-la. No carro, quando não tínhamos rádio, cantávamos. Foi assim que ela aprendeu a falar. Vê muitos filmes da Disney, onde as canções são repetidas centenas de vezes. Gosta de dançar. Desde bebé que procurámos fazer estimulação precoce através da música clássica, que ouviu com bastante frequência.

### **2.3 Em que medida considera que a aprendizagem do violino teve/tem tido efeitos na personalidade da Maria?**

Foi muito importante para a sua concentração, socialização, interação com a professora, fez sucesso na escola, uma vez que os seus companheiros de ano desconheciam completamente o uso de tal instrumento e fê-la sentir diferente pela positiva. Desde bebé que ela apreciava, de modo particular, o violino. Foi o meu primeiro presente para ela quando, por acaso, vi na rua um violino de plástico que a encantou.

### **3 - Caracterizar a relação da jovem com síndrome de Down com a aprendizagem do violino.**

#### **3.1 Como está a decorrer a aprendizagem do violino pela Maria?**

Muito bem, embora eu não seja a pessoa mais indicada para o afirmar. Porém, é com muita alegria que ela vai para as aulas e volta destas entusiasmada com as novas canções que aprende.

#### **3.2 Que níveis de motivação são visíveis na Maria?**

O dia da semana em que tem aula é esperado com ansiedade por ela. Tem o violino sempre à cabeceira para não se esquecer de o levar de manhã para a escola. É motivo de alegria encontrar as professoras que lhe lecionaram tal conhecimento.

#### **3.3 Em que medida o violino é trabalhado em casa?**

Sempre que se sente motivada. Sem que ninguém lhe diga nada, fecha-se no quarto e toca.

#### **3.4 Que progressos tem observado na execução do violino, desde o início da aprendizagem da Maria? (de há 3 anos para cá)**

Muitíssimos. Foi um crescente contínuo, sem retrocessos, o que não acontece com outras disciplinas.

### **4 - Caracterizar o papel desempenhado pela escola e pelos professores na relação com a música da jovem com síndrome de Down.**

#### **4.1 Que tipos de ensino musical já teve a Maria? (educação musical na escola? Música na associação?)**

Na escola, do 5º ao 9º ano. Depois, continuou as aprendizagens numa escola de música, onde a professora que lhe foi confiada (Marta) criou nesta uma grande empatia, quer pessoal, quer com a aprendizagem do instrumento. Nessa escola não

pôde continuar, então teve a sorte de encontrar uma outra professora que lhe dá aulas em casa.

#### **4.2 Como foi a relação da Maria com esses tipos de ensino?**

Sempre com muita vontade em aprender e de se relacionar com os professores que lhe transmitiam conhecimento.

#### **4.3 Porque é que a Maria deixou a escola de música? Que reações teve a Maria?**

Porque a escola não encontrou um horário para ela, embora me tivessem dito que me contactariam, o que não fizeram. Ficou triste, mas procurei logo encontrar uma professora o mais depressa possível.

#### **4.4 Porque é que a Maria não frequenta outra escola de música?**

Porque não tinha conhecimento aqui perto de uma escola que a pudesse integrar e, por outro lado, porque gosto muito da professora que atualmente lhe dá aulas.

#### **4.5 Como é relação da Maria com a atual professora de violino?**

Óptima. É uma grande amiga dela. Ela respeita muito a professora e é compreensiva quando esta não lhe pode dar aula por qualquer motivo.

#### **4.6 Será que a Maria ainda se recorda das aulas de violino comigo, em 2011-2012?**

Oh se recorda! Foi uma experiência marcante para o resto da vida dela. Foi uma sensação de uma conquista, quer de uma grande amiga, quer de uma capacidade de que tinha e que não tinha conhecimento dela.

#### **4.7 Como caracteriza esse primeiro ano de aprendizagem do violino?**

Muito importante, pela relação afetiva que criou com a professora, que tinha uma sensibilidade fabulosa para lidar com ela.

### **5 - Caracterizar o papel desempenhado pela família na relação com a música da jovem com síndrome de Down.**

#### **5.1 Como encara a condição da sua filha?**

É uma criança feliz, sonhadora, livre, sem preconceitos, sensível, inteligente...

#### **5.2 Como é que a família lida com a condição da Maria?**

Não é fácil. Às vezes é mais fácil pessoas de fora da família. A família é mais exigente para com ela e menos paciente.

**5.3 Que tipo de apoio familiar considera importante para o percurso musical da Maria?**

O da mãe.

**5.4 Costuma assistir às aulas?**

Raramente. Penso que seja importante a ligação professora-aluna para que a Maria sinta que aquele momento é seu.

**5.5 Apoia a Maria no estudo do violino em casa?**

Deixo-a muito livre. Eu não tenho conhecimento de música, mas oiço-a com muito gosto e ela gosta de me fazer participar das suas novas descobertas.

**5.6 Costuma levar a Maria concertos?**

Levei uma vez. Porém, o grande aglomerado de pessoas presentes assustou-a, assim como a altura da música. Contudo, quando quem toca são amigos seus, ela fica na primeira fila a assistir e a vibrar. Fica a ouvir os seus discos centenas de vezes. Gosta de relacionar a música com a pessoa que a toca. Na televisão, desde pequena que se coloca encantada a assistir aos concertos de Natal de Viena de Áustria, enquanto as outras crianças se divertem com brinquedos.

## **Anexo II - Entrevista ao Pai**

### **1 - Caracterização Global da criança com Síndrome de Down**

#### **1.1 Como caracteriza a Maria em termos físicos?**

Embora discretos, a minha filha tem traços típicos da síndrome: é pequenina, tem a pele mais sensível, as mãos «partidas», os ouvidos alinhados mais abaixo no crânio, os olhos amendoados e a precisar de óculos... Tirando isso, é anatomicamente perfeita: só tem um «pauzinho» a mais no cromossoma 21...

#### **1.2 Como caracteriza a Maria em termos cognitivos?**

Até há um par de anos, pensava(-se) que a minha filha tinha 85% de QI, ou seja, o que se julgava ser o máximo que as pessoas com esta síndrome podiam ter. No entanto, vindo ao encontro duma intuição que sempre tive, uma psicóloga nossa amiga, que a recebeu e observou em casa durante uma semana, asseverou que ela tem mais de 100% de QI. Na prática, a minha filha só manifesta dificuldades quando tem de lidar com raciocínios abstractos, nomeadamente quando tem de fazer operações matemáticas. No entanto, como saber manejar calculadoras, tais operações não lhe são nem serão impossíveis de fazer.

#### **1.3 Como caracteriza a Maria em termos sociais/relacionais?**

Tal como eu, a minha filha defende ciosamente a sua intimidade. É tímida e reservada nos primeiros contactos com pessoas estranhas. Sabe, no entanto, discernir quem lhe quer bem e quem não lhe quer bem. Com quem lhe quer bem, proporcionando-se a ocasião, nutre amizade, que se percebe ser sólida; com quem não lhe quer bem, não se dá e conserva distância. É querida e muito estimada no seu círculo de familiares, amigos e conhecidos.

### **2 - Caracterizar a importância da música na vida da jovem com síndrome de Down.**

#### **2.1 Qual a importância que a música em geral tem na vida da Maria?**

Creio que teve sempre muita importância. A julgar pelos contactos que mantenho com ela, pelas estações de rádio que sei que ela escuta e pelos CDs que sei que ela tem, a música continua a ter muita importância na vida dela.

## **2.2 Que atividades musicais (ouvir, cantar, tocar, dançar...) a Maria faz no seu dia-a-dia de forma espontânea ou com a família?**

Dada a minha situação matrimonial (que já dura há 15 anos), não posso responder com toda a certeza a esta pergunta. Do que sei, nomeadamente da boca da mãe e de amigos mais chegados, ouve e canta com frequência: tem-no feito, aliás, na minha presença. Dançar, só só um par de vezes. Tocar, apenas no vídeo que fez dela há uns tempos.

## **2.3 Em que medida considera que a aprendizagem do violino teve/tem tido efeitos na personalidade da Maria?**

Creio que lhe aguçou bastante a auto-disciplina, o poder de concentração e o gosto pelas coisas belas da vida. No que diz respeito directamente à música, melhorou imenso o sentido do compasso (os «tempos»!...), decora mais facilmente as músicas e as letras, e está a cantar com muito mais afinação.

## **3 - Caracterizar a relação da jovem com síndrome de Down com a aprendizagem do violino.**

### **3.1 Como está a decorrer a aprendizagem do violino pela Maria?**

Por causa da minha situação matrimonial, não tenho tido acesso a dados que julgue suficientes para poder responder exactamente a esta pergunta. Consta-me, no entanto, que está a correr bem, embora com algumas das dificuldades que, suponho, seria de esperar que houvesse com uma menina que sofre da síndrome de Down.

### **3.2 Que níveis de motivação são visíveis na Maria?**

Do que a própria menina me tem dito, ela continua muito motivada e quer seguir com a aprendizagem do violino.

### **3.3 Em que medida o violino é trabalhado em casa?**

Não sei. Por razões que não vale a pena esmiuçar, presumo que não seja trabalhado.

### **3.4 Que progressos tem observado na execução do violino, desde o início da aprendizagem da Maria? (de há 3 anos para cá)**

Não estou em condições de responder a esta pergunta.

## **4 - Caracterizar o papel desempenhado pela escola e pelos professores na relação com a música da jovem com síndrome de Down.**

#### **4.1 Que tipos de ensino musical já teve a Maria? (educação musical na escola? Música na associação?)**

Não sei ao certo que ensino musical ela tem tido na escola: a mãe nunca me informou nem me informa de nada, nomeadamente a respeito disso. Estimo, porém, que tenha sido e continue a ser bastante superficial, porque só notei consideráveis melhorias na sua relação com a música desde que a menina começou a ter aulas de violino.

#### **4.2 Como foi a relação da Maria com esses tipos de ensino?**

Não sei.

#### **4.3 Porque é que a Maria deixou a escola de música? Que reações teve a Maria?**

Ignoro que a minha filha tenha deixado qualquer escola de música. A ser verdade, é para mim uma surpresa muito desagradável.

#### **4.4 Porque é que a Maria não frequenta outra escola de música?**

Não sei.

#### **4.5 Como é relação da Maria com a atual professora de violino?**

Julgo saber que é muitíssimo boa. A mim, a menina só me diz imenso bem da sua professora.

#### **4.6 Será que a Maria ainda se recorda das aulas de violino comigo, em 2011-2012?**

Recorda-se perfeitamente. Ela própria mo disse a mim.

#### **4.7 Como caracteriza esse primeiro ano de aprendizagem do violino?**

Considerando as dificuldades que, suponho, seria de esperar que houvesse com uma menina que sofre da síndrome de Down, sou de opinião que correu bastante bem. Não creio que pudesse ter corrido melhor.

### **5 - Caracterizar o papel desempenhado pela família na relação com a música da jovem com síndrome de Down.**

#### **5.1 Como encara a condição da sua filha?**

A minha filha acaba de completar 18 anos: já é, portanto, maior. Ao contrário do que supõe a mãe, não há qualquer razão para declará-la interdita, muito menos depois dos testes que ela fez no mês passado em Lisboa, nas «Diferenças» do Dr.

Miguel Palha. O relatório de avaliação é claríssimo: para ser completamente autónoma e ter uma vida praticamente normal, a minha filha só precisa de ser mais disciplinada com os horários e apurar a noção de como se deve gerir o dinheiro. É de esperar que comece a trabalhar em «part-time» já este mês, e a tempo inteiro o mais tardar logo a seguir ao termo do presente ano lectivo.

### **5.2 Como é que a família lida com a condição da Maria?**

Tirando o meu querido sogro (já falecido) e eu próprio, a família considerou sempre e continua a considerar a menina como uma atrasada mental. É triste dizê-lo, mas é assim mesmo...

### **5.3 Que tipo de apoio familiar considera importante para o percurso musical da Maria?**

Teria de ter mais apoio da minha parte: sem falsas modéstias, não há ninguém na família com o gosto e os conhecimentos musicais que eu tenho (cfr., a propósito, <https://www.youtube.com/channel/UCIpYoxly-L9Bekv-thdpRsA>). Infelizmente, a mãe não facilita de maneira nenhuma o convívio da menina comigo. Mas, se ela for (como julgo que é) igual ao pai, saberá «desembrulhar-se» (como se tem «desembrulhado» noutras coisas), mesmo sem o apoio da família...

### **5.4 Costuma assistir às aulas?**

Não.

### **5.5 Apoia a Maria no estudo do violino em casa?**

Não posso, por causa da minha situação matrimonial.

### **5.6 Costuma levar a Maria a concertos?**

Não. Tenciono, porém, levá-la, se e quando o nosso convívio deixar de ser obstruído por terceiros. Se a minha filha gosta tanto de música e eu vou regularmente a concertos, por que não hei-de levá-la comigo?

## **Anexo III- Entrevista à Professora de Violino**

### **1 – Caracterização Global da criança com Síndrome de Down**

#### **1.1 Como caracteriza a Maria em termos físicos?**

A Maria Alba apresenta as características físicas de uma adolescente com Síndrome de Down, quer ao nível da aparência facial, quer ao nível da estrutura corporal.

#### **1.2 Como caracteriza a Maria em termos cognitivos?**

A Maria Alba tem habilidade cognitiva abaixo da média, como é característico de pessoas com Síndrome de Down. É perspicaz e tem uma boa memória.

#### **1.3 Como caracteriza a Maria em termos sociais/relacionais?**

A Maria Alba tem dificuldades relacionais, próprias de pessoas com Síndrome de Down, com melhorias recentes.

### **2 - Caracterizar a importância da música na vida da jovem com síndrome de Down.**

#### **2.1 Qual a relação que a Maria estabelece com a música em geral e com a música partilhada na sala de aula?**

A Maria Alba gosta de ouvir diversos estilos de música e fá-lo com regularidade. Prefere utilizar *headphones* e, normalmente, com volume alto. Gosta de cantar, embora não consiga entoar correctamente. No contexto de sala de aula, tem também dificuldade em sentir a pulsação, executando o ritmo por imitação. É muito sensível aos sons intensos, chegando a ter de sair de um concerto de música clássica, quando a orquestra atingiu um alto nível de intensidade, com percussão.

#### **2.2 Em que medida considera que a aprendizagem do violino teve/tem tido efeitos na personalidade da Maria?**

Considero que a aprendizagem do violino poderá ter contribuído para melhorar a concentração da Maria Alba, bem como a sua persistência e responsabilidade. Penso que também contribuiu para tornar a Maria Alba uma pessoa mais calma e relaxada.

### **3 - Caracterizar a relação da jovem com síndrome de Down com a aprendizagem do violino.**

### **3.1 Como caracteriza o ensino do violino que está a aplicar à Maria Alba? (métodos, ensino individualizado/em grupo...)**

O ensino de violino que apliquei durante um ano à Maria Alba não teve o formalismo de uma aula de instrumento numa escola de música. Como amiga da família, os 30 minutos semanais em que tocávamos juntas, estavam inseridos num programa mais alargado de convívio.

A Maria Alba aprendeu peças do primeiro livro de *Essential Elements for Strings*, de Robert Gillespie, Michael Allen e Pamela Tellejohn Hayes; *Stepping Stone*, de Katherine e Hugh Colledge; e *The First Year of violin Tutor*, de Neil Mackay.

### **3.2 Como está a decorrer a aprendizagem do violino pela Maria?**

Embora o seu nível de interesse seja variável, a Maria Alba tem persistido e colaborado nas actividades propostas.

### **3.3 Que níveis de motivação são visíveis na Maria?**

O que mais motivou a Maria Alba na aprendizagem do violino foi associar a aprendizagem do instrumento a um dia de convívio com amigos e relacionar as peças que aprendeu com o seu imaginário (para todas as peças que tocou, a Maria inventou letras relacionadas com os seus interesses). Esta motivação foi visível, por exemplo, no trabalho que a Maria Alba fazia em casa, por iniciativa própria, de passar a computador essas letras escritas à mão, na aula, guardando-as sempre consigo, na sua carteira.

### **3.4 Em que medida o violino é trabalhado em casa?**

A Maria Alba estudou pontualmente em casa, nas alturas em que estava mais motivada, ou seja, quando aprendia uma música de que gostava mais.

### **3.5 Que progressos tem observado na execução do violino?**

A Maria Alba progrediu sobretudo ao nível da leitura musical e da destreza na mão esquerda. Noto igualmente melhorias ao nível da imitação rítmica.

## **4 - Caracterizar o papel desempenhado pela escola e pelos professores na relação com a música da jovem com síndrome de Down.**

### **4.1 Qual a importância da relação entre professor e aluno no caso concreto da Maria Alba?**

No caso concreto da Maria Alba, conhecê-la e ter uma relação próxima, baseada na confiança, reflecte-se na aula, permitindo manter um ritmo de trabalho, sendo possível repetir os exercícios e rever as peças já executadas.

#### **4.2 Como caracteriza a sua relação com a Maria Alba?**

A minha relação com a Maria Alba não tem o carácter formal de uma relação professor/aluno, baseando-se essencialmente numa relação afectiva.

#### **4.3 Como tem adaptado o ensino/aprendizagem às características individuais da Maria Alba?**

Para facilitar a execução com o apoio da partitura e permitir a autonomia da Maria Alba no estudo, associámos uma cor a cada corda do violino, colorindo as notas da pauta. No aspecto rítmico, as figuras têm um suporte gráfico, com traços longos e curtos.

Antes de aprender uma peça nova, a Maria Alba inventou letras, segundo os seus interesses, o que contribuiu para motivá-la na aprendizagem do instrumento. Serviu também como motivação o objectivo de ganhar um autocolante no final de um bom exercício.

### **5 - Caracterizar o papel desempenhado pela família na relação com a música da jovem com síndrome de Down.**

#### **5.2 Como é que a família da Maria lida com a condição da mesma?**

A mãe da Maria Alba procura proporcionar-lhe um leque variado de experiências, entre as quais a aprendizagem do violino.

#### **5.3 Que tipo de apoio familiar considera importante para o percurso musical da Maria?**

Considero importante, para o percurso musical da Maria Alba, o incentivo da família ao estudo regular do instrumento e à audição musical, a valorização das pequenas conquistas que ela vai realizando aula a aula e o apoio nas atividades relacionadas com o violino (por exemplo, apresentações públicas na escola).

#### **5.4 Algum elemento da família costuma assistir às aulas?**

Não, a Maria Alba mostrou-se mais do que uma vez relutante em tocar com assistência, durante as aulas. No entanto, gostou de gravar e de mostrar, principalmente à mãe, as gravações efectuadas no decorrer das mesmas. Aderiu à ideia e teve prazer em levar o violino para a escola secundária e tocar para os colegas e professores da turma.

## Anexo IV- Tabela de Análise de Conteúdo

CATEGORIAS	SUB CATEGORIAS	SENTIDOS DE RESPOSTA	INDICADORES DE RESPOSTA
<p><b>1.</b> <b>Caracterização global da jovem com síndrome de Down.</b></p>	<p>Aspetos físicos</p>	<p>A descrição física da Maria Alba corresponde ao protótipo descrito para esta síndrome;</p>	<p>“É uma criança (...) com os traços típicos da síndrome de que é portadora, nomeadamente com o corte dos olhos “achinezados”, braços curtos, mãos papudas e de toque delicado. Usa óculos.” (Entrevista Mãe)</p> <p>“Embora discretos, a minha filha tem traços típicos da síndrome: é pequenina, tem a pele mais sensível, as mãos «partidas», os ouvidos alinhados mais abaixo no crânio, os olhos amendoados e a precisar de óculos... “ (Entrevista Pai)</p> <p>“A Maria Alba apresenta as características físicas de uma adolescente com Síndrome de Down, quer ao nível da aparência facial, quer ao nível da estrutura corporal.” (Entrevista Professora)</p>
		<p>As características físicas da Maria não são desvalorizadas pelos pais.</p>	<p>“A Maria Alba, em termos físicos, é uma menina de 17 anos com uma estatura normal para a sua idade e também a nível de peso está dentro dos parâmetros próprios para a sua altura. É uma criança bonita (...)” (Entrevista Mãe)</p> <p>“Tirando isso [traços típicos da síndrome], é anatomicamente perfeita: só tem um «pauzinho» a mais no cromossoma 21...” (Entrevista Pai)</p>
	<p>Aspetos cognitivos</p>	<p>É reconhecido um défice cognitivo característico da síndrome.</p>	<p>“Tem um défice cognitivo muito ligeiro que lhe dificulta a aprendizagem da matemática. Consegue ler e escrever, porém com mais dificuldade do que qualquer criança.” (Entrevista Mãe)</p> <p>“Na prática, a minha filha só manifesta dificuldades quando tem de lidar com raciocínios abstractos, nomeadamente quando tem de fazer operações matemáticas. No entanto, como sabe manejar calculadoras, tais operações não lhe são nem serão impossíveis de fazer.</p> <p>(...) O relatório de avaliação é claríssimo: para ser completamente autónoma e ter uma vida</p>

			<p>praticamente normal, a minha filha só precisa de ser mais disciplinada com os horários e apurar a noção de como se deve gerir o dinheiro. É de esperar que comece a trabalhar em «part-time» já este mês, e a tempo inteiro o mais tardar logo a seguir ao termo do presente ano lectivo.” (Entrevista Pai)</p> <p>“A Maria Alba tem habilidade cognitiva abaixo da média, como é característico de pessoas com Síndrome de Down.” (Entrevista Professora)</p>
		O reconhecimento do défice cognitivo não impede a valorização de outros traços cognitivos.	<p>“É uma criança feliz, sonhadora, livre, sem preconceitos, sensível, inteligente... (...) Porém, tem o nível de sensibilidade em certos campos muito mais desenvolvido do que uma criança da sua idade (...)” (Entrevista Mãe)</p> <p>“Até há um par de anos, pensava(-se) que a minha filha tinha 85% de QI, ou seja, o que se julgava ser o máximo que as pessoas com esta síndrome podiam ter. No entanto, vindo ao encontro duma intuição que sempre tive, uma psicóloga nossa amiga, que a recebeu e observou em casa durante uma semana, asseverou que ela tem mais de 100% de QI.” (Entrevista Pai)</p> <p>“É perspicaz e tem uma boa memória.” (Entrevista Professora)</p>
	Aspetos relacionais	É referido que a Maria é reservada nos primeiros contactos, mas muito afetiva com as pessoas de quem gosta.	<p>“Achava-a interessante pelas suas reações de dupla personalidade, ora demasiado carinhosas com quem a acompanhava, ora amuadas quando contrariada.” (Relato Investigadora)</p> <p>“É uma criança seletiva nas suas relações sociais, porém quando é amiga de alguém, é muito amiga e integra-se muito bem na escola, relacionando-se com todos. Não faz distinção de idades. Um amigo, para ela, tanto faz ter 50 anos como 5.” (Entrevista Mãe)</p> <p>“Tal como eu, a minha filha defende ciosamente a sua intimidade. É tímida e reservada nos primeiros contactos com pessoas estranhas. Com quem lhe quer bem, proporcionando-se a ocasião, nutre amizade, que se percebe ser sólida; com quem não lhe</p>

			<p>quer bem, não se dá e conserva distância. É querida e muito estimada no seu círculo de familiares, amigos e conhecidos.” (Entrevista Pai)</p> <p>“A Maria Alba tem dificuldades relacionais, próprias de pessoas com Síndrome de Down, com melhorias recentes.” (Entrevista Professora)</p>
		<p>É-lhe reconhecida uma capacidade de perceber os sentimentos dos outros.</p>	<p>“Porém, tem o nível de sensibilidade (...) para entender o estado de espírito dos que a rodeiam e o comportamento a ter para com estes.” (Entrevista Mãe)</p> <p>“Sabe, no entanto, discernir quem lhe quer bem e quem não lhe quer bem.” (Entrevista Pai)</p>
<p><b>2.</b> <b>A importância da música na vida da jovem com síndrome de Down.</b></p>	<p>Aspetos sócio afetivos</p>	<p>A música é um elemento de estimulação emocional</p>	<p>“Foi-me dito pela mãe que a Maria sempre gostou muito de ouvir música (qualquer género).” (Relato Investigadora)</p> <p>“Ela não vive sem música (...) Precisa de música para entrar no seu mundo de fantasia (...). Levei uma vez (a um concerto). Porém, o grande aglomerado de pessoas presentes assustou-a, assim como a altura da música.” (Entrevista Mãe)</p> <p>“Creio que teve sempre muita importância (a música). A julgar pelos contactos que mantenho com ela, pelas estações de rádio que sei que ela escuta e pelos CDs que sei que ela tem, a música continua a ter muita importância na vida dela.” (Entrevista Pai)</p> <p>“A Maria Alba gosta de ouvir diversos estilos de música e fá-lo com regularidade. Prefere utilizar <i>headphones</i> e, normalmente, com volume alto. (...) Gosta de cantar, embora não consiga entoar corretamente. (...) É muito sensível aos sons intensos, chegando a ter de sair de um concerto de música clássica, quando a orquestra atingiu um alto nível de intensidade, com percussão.” (Entrevista Professora)</p>

		A Maria utiliza a música como meio de relação social	<p>“Houve uma situação em que a mãe e a Maria me deram boleia para o comboio e íamos as três a cantar músicas do ‘Netinho’ no carro. Senti, da parte da Maria, a necessidade, e ao mesmo tempo felicidade e orgulho, em mostrar que sabia perfeitamente as músicas e as letras todas.” (Relato Investigadora)</p> <p>“Precisa de música para (...) conhecimento dos seus sentimentos e das pessoas que a rodeiam (...) A Maria Alba escolhe uma canção para surpreender a mãe ao acordá-la.” (Entrevista Mãe)</p> <p>“(…) ouve e canta com frequência: tem-no feito, aliás, na minha presença.” (Entrevista Pai)</p>
	Aspetos cognitivos e motores	A música foi um fator de desenvolvimento da Maria	<p>“A Maria sabia as letras todas.” (Relato Investigadora)</p> <p>“No carro, quando não tínhamos rádio, cantávamos. Foi assim que ela aprendeu a falar. Vê muitos filmes da Disney, onde as canções são repetidas centenas de vezes. Gosta de dançar. Desde bebé que procurámos fazer estimulação precoce através da música clássica, que ouviu com bastante frequência.” (Entrevista Mãe)</p>
<b>3. A relação da jovem com síndrome de Down com a aprendizagem do violino.</b>	Aspetos sócio afetivos	Forte motivação inicial para a aprendizagem do violino	<p>“Aos treze anos teve uma forte vontade de aprender a tocar violino.” (Relato Investigadora)</p> <p>“Desde bebé que ela apreciava, de modo particular, o violino. Foi o meu primeiro presente para ela quando, por acaso, vi na rua um violino de plástico que a encantou.” (Entrevista Mãe)</p>
		O investimento na aprendizagem do violino é oscilatório	<p>“A Maria umas vezes aparecia alegre, ativa, com um dinamismo que facilitava o ensino e a aprendizagem, outras vezes não lhe apetecia fazer nada e gostava de conversar e partilhar a sua vida pessoal.</p> <p>(...) Completamente desprovida de concentração em certos dias, abandonava o violino, passava para o piano, sentava-se sem qualquer predisposição para trabalhar ou dizia que queria ir embora.” (Relato Investigadora)</p>

			<p>“(…) é com muita alegria que ela vai para as aulas e volta destas entusiasmada com as novas canções que aprende. O dia da semana em que tem aula é esperado com ansiedade por ela. Tem o violino sempre à cabeceira para não se esquecer de o levar de manhã para a escola. É motivo de alegria encontrar as professoras que lhe lecionaram tal conhecimento. (…) (Estuda em casa) Sempre que se sente motivada. Sem que ninguém lhe diga nada, fecha-se no quarto e toca.” (Entrevista Mãe)</p> <p>“Do que a própria menina me tem dito, ela continua muito motivada e quer seguir com a aprendizagem do violino.” (Entrevista Pai)</p> <p>“Embora o seu nível de interesse seja variável, a Maria Alba tem persistido e colaborado nas actividades propostas.” (Entrevista Professora)</p>
		<p>O violino é fator de afirmação pessoal</p>	<p>“Foi muito importante para a sua concentração, socialização, interação com a professora, fez sucesso na escola, uma vez que os seus companheiros de ano desconheciam completamente o uso de tal instrumento e fê-la sentir diferente pela positiva.” (Entrevista Mãe)</p> <p>“... a Maria Alba mostrou-se mais do que uma vez relutante em tocar com assistência, durante as aulas. No entanto, gostou de gravar e de mostrar, principalmente à mãe, as gravações efectuadas no decorrer das mesmas. Aderiu à ideia e teve prazer em levar o violino para a escola secundária e tocar para os colegas e professores da turma.” (Entrevista Professora)</p>

	Aprendizagens específicas musicais	São reconhecidas aprendizagens musicais relevantes, apesar de reconhecidas as limitações impostas pelo síndrome.	<p>“A Maria Alba teve os seus progressos visíveis, pois no final do ano letivo já tocava algumas peças (ainda com muita ajuda minha), sendo gratificante aos meus ouvidos a forma como tudo se tinha desenrolado.” (Relato Investigadora)</p> <p>“Consta-me (...) que está a correr bem (aulas de violino), embora com algumas das dificuldades que, suponho, seria de esperar que houvesse com uma menina que sofre da síndrome de Down.</p> <p>(...) Considerando as dificuldades que, suponho, seria de esperar que houvesse com uma menina que sofre da síndrome de Down, sou de opinião que correu bastante bem. Não creio que pudesse ter corrido melhor.</p> <p>No que diz respeito directamente à música, melhorou imenso o sentido do compasso (os «tempos»!), decora mais facilmente as músicas e as letras, e está a cantar com muito mais afinação.” (Entrevista Pai)</p> <p>“No contexto de sala de aula, tem também dificuldade em sentir a pulsação, executando o ritmo por imitação.</p> <p>A Maria Alba aprendeu peças do primeiro livro de <i>Essential Elements for Strings</i>, de <u>Robert Gillespie, Michael Allen e Pamela Tellejohn Hayes</u>; <i>Stepping Stone</i>, de Katherine e Hugh Colledge; e <i>The First Year of violin Tutor</i>, de Neil Mackay.</p> <p>A Maria Alba progrediu sobretudo ao nível da leitura musical e da destreza na mão esquerda. Noto igualmente melhorias ao nível da imitação rítmica.” (Entrevista Professora)</p>
	Aprendizagens transversais	A aprendizagem do violino contribuiu para o desenvolvimento geral da personalidade da Maria	<p>“A mãe muito feliz procurou-me no final e confessou nunca pensar que a sua filha conseguisse tocar o que tocou e que o ano tinha sido muito benéfico nas vertentes pessoais, pedagógicas e relacionais para a Maria.” (Relato Investigadora)</p> <p>“Foi um crescente contínuo, sem retrocessos, o que não acontece com outras disciplinas.” (Entrevista Mãe)</p> <p>“Creio que lhe aguçou bastante a auto-disciplina, o poder de concentração e o gosto pelas coisas belas da vida.” (Entrevista Pai)</p>

			<p>“Considero que a aprendizagem do violino poderá ter contribuído para melhorar a concentração da Maria Alba, bem como a sua persistência e responsabilidade. Penso que também contribuiu para tornar a Maria Alba uma pessoa mais calma e relaxada.” (Entrevista Professora)</p>
<p><b>4. O papel desempenhado pela escola e pelos professores na relação com a música da jovem com síndrome de Down.</b></p>	<p>Relação pedagógica</p>	<p>A Maria não responde bem à obrigatoriedade</p>	<p>“... ficava preocupada sempre que ela rejeitava o trabalho que lhe propunha e insistia, o que a levava a amuar. Quanto mais insistisse menos a Maria fazia, logo menos objetivos conseguiria se houvesse uma rejeição absoluta dela!” (Relato Investigadora)</p>
		<p>Foram importantes as estratégias que iam ao encontro dos interesses da Maria</p>	<p>“Mudei a estratégia. Comecei a conversar com ela e a adaptar-me à sua realidade estabelecendo a empatia necessária para acompanhar o processo da aprendizagem do violino. As mutações passaram a ser notórias. Começou a interagir comigo e deixou de ter aqueles arrufos. Com estímulo e reforço positivo a Maria ia adquirindo novas competências, quando sentia dificuldades nem se revoltava, nem desistia, pelo contrário estava atenta aos meus ensinamentos e fazia por pô-los em prática. Nesta minha mudança de atitude as competências básicas para o processo ensino/aprendizagem tomaram outro rumo, a Maria valorizou o que ouvia, aceitou os pontos de vista que lhe apresentava, começou a gerir e a controlar os conflitos existenciais e ambas atingimos objetivos comuns, o nosso sucesso pedagógico e pessoal.” (Relato Investigadora)</p> <p>“O que mais motivou a Maria Alba na aprendizagem do violino foi associar a aprendizagem do instrumento a um dia de convívio com amigos e relacionar as peças que aprendeu com o seu imaginário (para todas as peças que tocou, a Maria inventou letras</p>

			<p>relacionadas com os seus interesses). Esta motivação foi visível, por exemplo, no trabalho que a Maria Alba fazia em casa, por iniciativa própria, de passar a computador essas letras escritas à mão, na aula, guardando-as sempre consigo, na sua carteira.</p> <p>A Maria Alba estudou pontualmente em casa, nas alturas em que estava mais motivada, ou seja, quando aprendia uma música de que gostava mais.</p> <p>Para facilitar a execução com o apoio da partitura e permitir a autonomia da Maria Alba no estudo, associámos uma cor a cada corda do violino, colorindo as notas da pauta. No aspecto rítmico, as figuras têm um suporte gráfico, com traços longos e curtos.</p> <p>Antes de aprender uma peça nova, a Maria Alba inventou letras, segundo os seus interesses, o que contribuiu para motivá-la na aprendizagem do instrumento. Serviu também como motivação o objectivo de ganhar um autocolante no final de um bom exercício.” (Entrevista Professora)</p>
		<p>Foi importante a relação de amizade estabelecida entre a Maria e as professoras</p>	<p>“Nesta mudança de atitude da minha parte, dá-se também uma reviravolta nas preferências da Maria Alba. Estava sempre ansiosa para que o sábado chegasse para ter novamente a aula de violino e quando chegava irradiava uma felicidade que se tornou contagiante, pois este sentimento passou a ser recíproco, ao ponto da Maria começar a partilhar comigo a sua vida pessoal, familiar, íntima, isto é, começou a falar-me das suas paixões e amigos.” (Relato Investigadora)</p> <p>“... a professora que lhe foi confiada criou nesta uma grande empatia, quer pessoal quer com a aprendizagem do instrumento. (...) (Estava) Sempre com muita vontade em aprender e de se relacionar com os professores que lhe transmitiam conhecimento. (...) Óptima (a relação com a atual professora). É uma grande amiga dela. Ela respeita muito a professora e é compreensiva quando esta não lhe pode dar aula por qualquer motivo.” (Entrevista Mãe)</p> <p>“O ensino de violino que apliquei durante um ano à Maria Alba não teve o formalismo de uma aula de instrumento numa escola de música. Como amiga da família, os 30 minutos</p>

			<p>semanais em que tocávamos juntas, estavam inseridos num programa mais alargado de convívio.</p> <p>(...) No caso concreto da Maria Alba, conhecê-la e ter uma relação próxima, baseada na confiança, reflecte-se na aula, permitindo manter um ritmo de trabalho, sendo possível repetir os exercícios e rever as peças já executadas.</p> <p>(...) A minha relação com a Maria Alba não tem o carácter formal de uma relação professor/aluno, baseando-se essencialmente numa relação afectiva.” (Entrevista Professora)</p>
		<p>É referida a importância da adaptação não só da Maria, mas também das professoras</p>	<p>“Chegadas a esta fase verifiquei que não tive que mudar a Maria, antes mudar-me a mim e garantir-lhe uma boa relação para conseguir êxito nas aprendizagens.</p> <p>Pretendi não diferenciar a Maria pela sua condição, não a encarar como uma pessoa diferente, unicamente tive que planear de forma a assimilar melhor os conteúdos e preparar aulas que a motivassem.</p> <p>Com a dinâmica que criei, dedicação, persistência e amor, entre graças e conversas, ensinamentos e trabalho, ... muito aprendi com esta menina... unicamente aos meus conhecimentos juntei às sete notas musicais, uma oitava, talvez a fundamental para o sucesso da Maria Alba, a nota Amor!” (Relato Investigadora)</p> <p>“Foi uma experiência marcante para o resto da vida dela. Foi uma sensação de uma conquista, quer de uma grande amiga, quer de uma capacidade de que tinha e que não tinha conhecimento dela.</p> <p>Muito importante, pela relação afectiva que criou com a professora, que tinha uma sensibilidade fabulosa para lidar com ela.” (Entrevista Mãe)</p> <p>“Julgo saber que é muitíssimo boa (relação com a primeira professora). A mim, a menina só me diz imenso bem da sua professora.</p> <p>Recorda-se perfeitamente (das aulas com a primeira professora de violino). Ela própria mo disse a mim.” (Entrevista Pai)</p>

	As escolas do ensino genérico na integração e na oferta de qualidade de ensino	Nem sempre as escolas estão preparadas para integrar a criança diferente	<p>“Porque a escola não encontrou um horário para ela, embora me tivessem dito que me contactariam, o que não fizeram. Ficou triste, mas procurei logo encontrar uma professora o mais depressa possível.</p> <p>... não tinha conhecimento aqui perto de uma escola que a pudesse integrar e, por outro lado, porque gosto muito da professora que atualmente lhe dá aulas.” (Entrevista Mãe)</p>
		Nem sempre as escolas de ensino regular promovem um conhecimento musical aprofundado	<p>“Não sei ao certo que ensino musical ela tem tido na escola: a mãe nunca me informou nem me informa de nada, nomeadamente a respeito disso. Estimo, porém, que tenha sido e continue a ser bastante superficial, porque só notei consideráveis melhorias na sua relação com a música desde que a menina começou a ter aulas de violino.” (Entrevista Pai)</p>
<b>5. O papel da família na relação com a música da jovem com síndrome de Down.</b>	A relação escola-família	É valorizada a presença regular e informativa da mãe da Maria na escola, mas de forma equilibrada	<p>“O apoio incondicional da mãe foi a maior força motriz deste desafio. Atenta, sempre presente, carinhosa, ajudou-me imenso ao dar-me características da personalidade da Maria, bem-disposta, amorosa, com gosto por cantar e dançar, mas também teimosa.” (Relato Investigadora)</p> <p>“Raramente (assisto às aulas). Penso que seja importante a ligação professora-aluna para que a Maria sinta que aquele momento é seu.” (Entrevista Mãe)</p> <p>“A mãe da Maria Alba procura proporcionar-lhe um leque variado de experiências, entre as quais a aprendizagem do violino. Considero importante, para o percurso musical da Maria Alba, o incentivo da família ao estudo regular do instrumento e à audição musical, a valorização das pequenas conquistas que ela vai realizando aula a aula e o apoio nas actividades relacionadas com o violino (por exemplo, apresentações públicas na escola).” (Entrevista Professora)</p>

	<p>O apoio da família ao estudo e ao acesso à cultura</p>	<p>É reconhecida alguma falta de competência musical para apoiar o estudo, que é colmatada com o acesso à cultura musical</p>	<p>“Deixo-a muito livre. Eu não tenho conhecimento de música, mas oiço-a com muito gosto e ela gosta de me fazer participar das suas novas descobertas. Contudo, quando quem toca são amigos seus, ela fica na primeira fila a assistir e a vibrar. Fica a ouvir os seus discos centenas de vezes. Gosta de relacionar a música com a pessoa que a toca. Na televisão, desde pequena que se coloca encantada a assistir aos concertos de Natal de Viena de Austria, enquanto que as outras crianças se divertem com brinquedos. A música fascina a Maria Alba.” (Entrevista Mãe)</p> <p>“Teria de ter mais apoio da minha parte: sem falsas modéstias, não há ninguém na família com o gosto e os conhecimentos musicais que eu tenho. (...) Tenciono, porém, levá-la (a concertos)... Se a minha filha gosta tanto de música e eu vou regularmente a concertos, por que não hei-de levá-la comigo?” (Entrevista Pai)</p>
	<p>A relação da Maria com a família</p>	<p>A relação da Maria com a família é referida simultaneamente como exigente e permissiva</p>	<p>“Não é fácil. Às vezes é mais fácil pessoas de fora da família. A família é mais exigente para com ela e menos paciente.” (Entrevista Mãe)</p> <p>“Tirando o meu querido sogro (já falecido) e eu próprio, a família considerou sempre e continua a considerar a menina como uma atrasada mental. É triste dizê-lo, mas é assim mesmo...” (Entrevista Pai)</p>